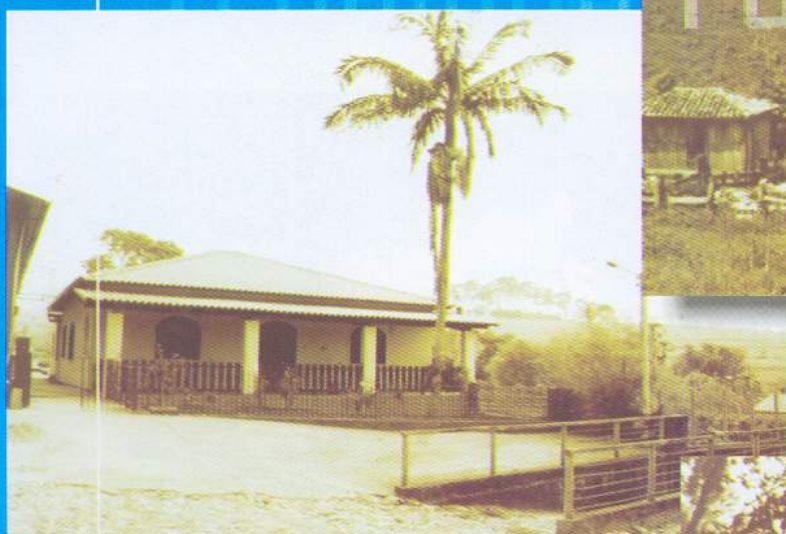


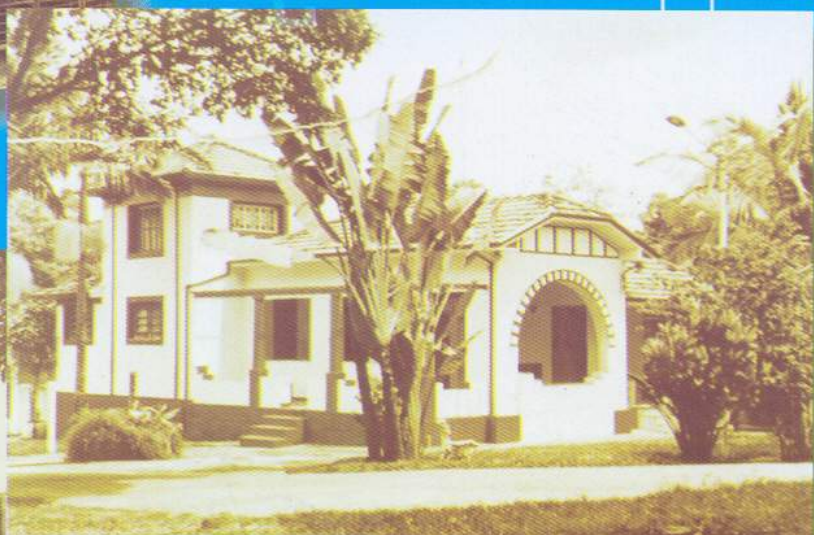
O Trem da HISTÓRIA

Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto
Araxá, outubro de 2004 - Ano 14 - Nº 38 - R\$ 4,00

Tradição rural



e



urbana




Restauração da antiga Estação Ferroviária de Itaipú.



Construção da Agrovila de Itaipú com toda infra-estrutura.

***A preservação e a edificação
constroem as grandes cidades***


Antônio Leonardo Lemos Oliveira
Prefeito de Araxá

NESTA EDIÇÃO

UMA VIAGEM AO PASSADO _____ **2**

CASAS PRESERVADAS _____ **16**

QUEM FOI QUEM _____ **25**
Agenor Lemos

FAZENDAS _____ **28**

HISTORIANDO HOJE 2001/2004 _____ **47**

PRIMEIRAS PALAVRAS

Intimamente relacionada com a terra está a distribuição e o tipo da população que nela vive ou foi vivendo ao longo do tempo. Os objetos mostram, desde logo, como os homens se adaptaram às condições materiais e delas foram capazes de extrair proveito além da influência que estes fatores urbanos e rurais tiveram sobre a evolução e distribuição dos conglomerados habitacionais no decorrer dos anos.

A terra impõe determinadas condições a que o homem tem de se submeter, embora proporcione também recursos que ele pode aproveitar. Diante disto, ele não se limita a usufruir apenas o que a natureza lhe oferece. Começa a se organizar de modo a se apropriar dos locais mais férteis de acordo com seu poder, desenvolvendo técnicas de controle e distribuição que lhe garantam os benefícios do investimento de seu trabalho.

Nesse contexto ficam definidas as funções sociais, políticas e econômicas. Tudo isto permite reconstituir a evolução nas cidades e no campo. É verdade que, a maior parte das vezes, o material à disposição dos pesquisadores dificilmente permite refazer estes processos com segurança. A documentação e os depoimentos limitam-se, geralmente, a esclarecer as hierarquias e articulações dos diversos grupos num espaço demográfico, salientando aquilo que ficou registrado, as modificações e alterações que sobrevieram em função de razões múltiplas.

Foi feito um trabalho elaborado com um planejamento prévio. Procurou-se pontuar um pouco da história dos nossos fazendeiros e também das casas construídas em nossa cidade, traçando um paralelo entre o passado e o presente, a conservação e as mudanças, valorizando a arquitetura regional e local, dependendo sempre do espaço geográfico onde se inscreve.

As origens, dimensões sociais, fenômenos de parentesco, levam à descoberta de relações entre recursos humanos e materiais que muitas vezes se desconhecem.

Em quaisquer hipóteses, o estudo do passado local ou regional pode ser extremamente gratificante para quem procura conhecer a si próprio e ao mundo a que pertence.

UMA VIAGEM AO PASSADO

Arquitetura

A história da arquitetura no Brasil pode ser dividida em quatro períodos: Colonial, Imperial, Republicano e o atual, Moderno.

A arquitetura brasileira não é diferente da existente em outras partes do mundo ocidental. Convém, todavia, ressaltar que ela tem suas peculiaridades conforme a época.

PERÍODO COLONIAL

O Período Colonial brasileiro estende-se de 1530 a 1808, data em que a Família Real Portuguesa transferiu-se para o Brasil.

SÉCULOS XVI e XVII Ciclo da Cana-de-Açúcar

Houve, nessa época, um movimento inicial de ocupação. Com a ameaça dos franceses na costa brasileira, Portugal começa a se preocupar com o povoamento e a colonização.

Pouco se sabe das construções e moradias dessa época. A maioria das casas era de barro ou de madeira. Uma ou outra, de pedra. Alguns colonizadores europeus trouxeram consigo os utensílios domésticos. No mais, tudo era extremamente simples.

Nesses dois primeiros séculos da colonização portuguesa, não existiam adornos. A iluminação era à base de candeeiros e castiçais e o piso era de terra, madeira ou pedra.

As casas maiores eram reservadas aos senhores de engenho na zona açucareira. As casas pequenas, para a gente pobre.

SÉCULO XVIII Ciclo da Mineração

Já no final do séc. XVII, a descoberta de ouro e pedras preciosas no interior de Minas

Gerais, Goiás e Bahia provocou um rápido povoamento na região.

Nesse período, mesmo as melhores residências eram simples. A ornamentação consistia em molduras à volta das portas e janelas. Todavia as igrejas atingiram o apogeu em arte e beleza. Os estilos Renascentista e Barroco se fizeram sentir na arquitetura religiosa.

A iluminação continuou precária: usavam-se castiçais ou candeeiros de ferro, cobre ou latão.

A VIRADA DOS SÉCULOS XVIII E XIX

Com as grandes transformações ocorridas no final do séc. XVIII, a Revolução Francesa, a Revolução Industrial e a conseqüente necessidade de um mercado livre onde vender a produção, surge o conflito entre a França e a Inglaterra. Em conseqüência, ocorre a transferência da Corte Real Portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro em 1808.

A fixação da Corte Real Portuguesa no Rio de Janeiro provoca grandes mudanças. O estilo português de morar passa a ter grande influência. O canapé, a meia cômoda e a mesa de centro passam a fazer parte do mobiliário, ditado pela moda vinda de Portugal.

Surgem os objetos de adorno como almofadas bordadas, gravuras e relógios.

A iluminação é feita com castiçais mais sofisticados e as paredes internas recebem artísticas pinturas.

PERÍODO IMPERIAL Primeira metade do séc. XIX

A vinda da Corte Real Portuguesa prepara o Brasil para deixar de ser colônia e transformar-se em um Estado.

O luxo no interior das residências contrasta com o lixo nas

ruas. Nesse período ocorre uma mudança significativa na decoração de ambientes. Novas peças de mobiliário e novos objetos de adorno passam a ser usados.

Na iluminação usam-se castiçais com mangas de vidro e lustres de cristal. Os pisos são de madeira, tijolo, ladrilho ou mármore.

PERÍODO REPUBLICANO Os Barões do Café Segunda metade do séc. XIX

Quase toda a produção de riqueza do país concentra-se na lavoura cafeeira. No início, os senhores de engenho. Mais tarde, as grandes mineradoras. Agora, os fazendeiros de café. É o período que coincide com a Abolição da Escravatura, as correntes imigratórias e a Proclamação da República.

No séc. XIX predomina o estilo neoclássico. Novos hábitos se impõem. Nos quartos de dormir surgem os lavatórios com bacias e jarras. Os pisos são de madeira encerada, ladrilho ou mármore.

Enquanto os pobres continuam a usar equipamento nacional, panelas de barro e cuias, os ricos importam os artigos europeus. Os artesãos vêm da Europa, principalmente da França e da Itália. Os objetos decorativos aumentam consideravelmente e as residências, nem de longe, lembram os interiores vazios das antigas casas brasileiras.

Castiçais e lustres de bronze com pingentes de cristal fazem a iluminação.

A VIRADA DOS SÉCULOS XIX E XX

O modo de morar do brasileiro foi influenciado pelas transformações ocorridas no final do séc. XIX: a Abolição, a República e a Imigração.

O espaço nas casas foi restringido por falta da mão-de-obra escrava.

A grande maioria dos imigrantes se reunia em cortiços e as favelas abrigavam as camadas mais pobres da população. Os ricos, fazendeiros de café e exploradores de borracha, construíam seus palacetes importando da Europa os móveis e os objetos de decoração. Havia uma nova visão de conforto. Vários estilos arquitetônicos se misturavam.

Projetistas, mestres-de-obras e pedreiros vinham da Europa e os materiais de construção também eram importados. Predominou o estilo "Art Nouveau", o emprego de formas derivadas da vida animal e vegetal.

PERÍODO MODERNO

Primeira metade do séc. XX

A importação cai no Brasil com o advento da Primeira Grande

Guerra. Tanto a arquitetura quanto a decoração de ambientes seguem caminhos independentes de qualquer tradição, devido às dificuldades de comunicação com a Europa.

Em 1922, a Semana de Arte Moderna lança as bases de um novo estilo no Brasil. Um período de linhas retas, sem ornamentos - "Art Déco".

Nos anos 20, surgem os primeiros edifícios de apartamentos.

ARAXÁ & HISTÓRIA

No final do séc. XIX e início do séc. XX, Araxá era uma cidade pequena com menos de 5.000 habitantes. Não havia luz elétrica, água encanada e as ruas, cobertas pela vegetação, não eram calçadas.

Dr. Franklin de Castro, então Agente Executivo Municipal (não existia o cargo de prefeito), instalou a luz elétrica e fez grandes melhorias.

As ruas, a partir de 1940, receberam calçamento de pedras, os "pés-de-moleque", como se costumava dizer. Apenas dois quarteirões da rua Boa Vista eram asfaltados e a rua Mariano de Ávila, calçada com paralelepípedos.

Devido às dificuldades de comunicação, as tendências da moda chegavam primeiro às metrópoles e bem mais tarde, a Araxá.

A partir de 1910, algumas poucas famílias mais abastadas construíam suas residências trazendo de fora o material de construção, os construtores, os artesãos, os pedreiros, bem como os móveis e os objetos de adorno.

Dessas residências, algumas ainda aí estão a testemunhar as belezas do passado, a história de seus construtores e a de seus proprietários, que já se foram. Outras, levadas pelo tempo, permanecem intactas na memória dos que as conheceram.

A ARAXÁ DE HOJE REVERENCIA A ARAXÁ DE ONTEM

Aziza Galdino

O antigo casarão no largo da Matriz, mais tarde praça Cel. Adolpho, foi adquirido por **Aziza Galdino**, viúva de Miguel Galdino. Antes dela, Izidro Santos manteve ali um estabelecimento comercial.

Mulher forte e dinâmica, Aziza deixou o casarão como herança aos netos, filhos de Nagib e Nazira.

Eles foram os seus últimos moradores. No final dos anos 60, o imóvel foi vendido e, a seguir, demolido.

Hoje, no local, está a sede do Banco Bradesco em Araxá.



Residência localizada na esquina da Av. Antônio Carlos com a rua do Comércio, hoje Dr. Franklin de Castro. 1985/1986. Arquivo SAPP/FCCB.



Nazira Salti Jammal (esposa de Nagib Galdino) e os filhos: Ivone, Vanda, Miguel e Irene. 1933. Acervo Maria Helena Galdino Oliveira.



Nagib Galdino, filho de Miguel e Aziza Galdino. 1922. Acervo Maria Helena Galdino Oliveira.



Hoje, agência do Banco Bradesco, localizada na esquina da Av. Antônio Carlos com a rua Dr. Franklin de Castro. 2004. Acervo SAPP/FCCB.

Carico & Irinéia

A residência de **Carlos de Ávila Neto (Carico)** e **Irinéia de Aguiar Ávila** foi adquirida no início da década de 1920. Ali eles criaram seus dez filhos com amor e dedicação.

Situado ao lado da casa de Theóphilo Santos, rua Capitão José Porfírio, o casarão abrigou momentos hoje lembrados com saudade.

Por muitos anos, o Dr. Heitor Montandon teve ali o seu consultório.

Carico, fazendeiro próspero e um dos fundadores da Santa Casa. Irinéia, amiga do plantar. O enorme quintal, sempre coberto de flores.

Vendido em meados de 1980 e demolido pelo seu último proprietário, João Bosco (Eliane) Teixeira no ano 2000, aproximadamente.

No local funciona, hoje, um estacionamento para carros.



Residência localizada na rua Cap. José Porfírio. Década de 1920. Acervo Martha Ávila Dumont.



Carlos de Ávila Neto (Carico) e Irinéia Aguiar. 1941. Acervo Martha Ávila Dumont.

Theóphilo, Francisco (Chiquinho) & Armando Santos

Theóphilo, Francisco (Chiquinho) e Armando Santos eram os proprietários da firma

Santos & Irmão.

Theóphilo e Chiquinho construíram suas residências

entre 1910 e 1920. A residência de Armando só ficou pronta em 1922.

Theóphilo & Alice



Residência localizada na rua Cap. José Porfírio. Década de 1930. Acervo Irene Santos Guimarães.

Theóphilo Santos e sua esposa **Alice Ribeiro** foram os proprietários de uma residência de alto luxo, ponto de atração da cidade, construída na rua Cap. José Porfírio. Visitantes ilustres ali se hospedavam. Pedreiros, artesãos e pintores foram contratados fora de



O casal Theóphilo e Alice. 1905. Acervo Maria Leonor Teixeira Lemos.

Araxá, o mesmo acontecendo com o material da construção que não era encontrado na cidade. Com Theóphilo Santos Araxá conheceu um novo tempo. Vislumbrou desenvolvimento e progresso. Alice tinha apenas 40 anos quando faleceu. Era alegre e gostava de ler.

Falecendo Alice, Theóphilo casou-se com **Maria do Rosário** (Santinha) e mudou-se deixando a casa para os filhos. Santinha



Iracema e Cincinato Afonso de Almeida (Natim). 1916. Acervo Oráida Afonso Borges.

bordava à máquina, enriquecendo os enxovais de muitas noivas. Em 1942, o imóvel foi adquirido por Cincinato Afonso de Almeida (Natim Afonso) e Iracema Borges, que o ampliaram. O terreno dos fundos era

grande, o que permitiu a Iracema implantar a primeira flora da cidade. Natim era fazendeiro e hábil negociante. A residência, hoje, pertence a Wander Afonso, filho de Natim.



Residência localizada na rua Capitão José Porfírio. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.

Chiquinho & Adozinda

Francisco dos Santos (Chiquinho) e **Adozinda Porfírio** construíram a sua residência na rua “Boa Vista” (hoje, rua Olegário Maciel) e lá viveram e criaram os filhos.

Era uma casa bem estruturada, ampla e de bela fachada.

Chiquinho era ativo comerciante, fazendeiro e proprietário de diversos imóveis. Seu neto Francisco, o popular “Formiga”, integrou a Seleção Brasileira de Futebol em 1958.

Na década de 1950, após o seu falecimento, a casa foi vendida pelos herdeiros. Vieram a residir ali **Jayme** e **Martha Dumont**. Nos anos 60, depois de demolida, foi construído por Tomás Goulart o Edifício Gil Dumont. Jayme, farmacêutico, sócio fundador da Rádio Imbiara e do Cine Brasil, foi Prefeito Interino de Araxá. Marta, amante da natureza e colecionadora de plantas é, também, uma colecionadora de amigos.



Residência localizada na rua Boa Vista, hoje Pres. Olegário Maciel. Década de 1920. Acervo Martha Ávila Dumont.

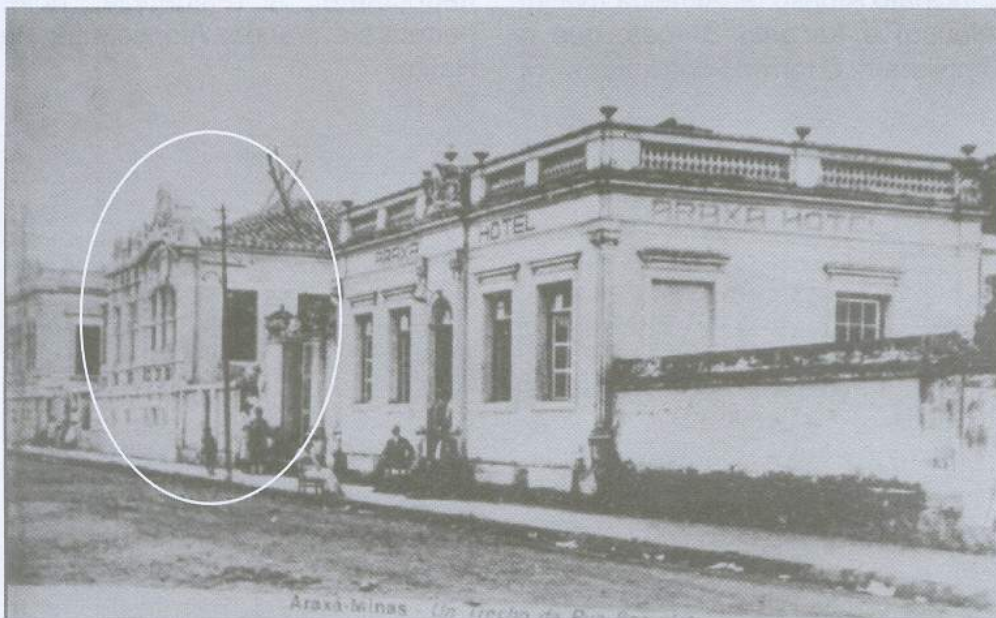


Martha Ávila e Jayme Dumont. 1948. Acervo Martha Ávila Dumont.



Estabelecimento comercial e residencial no mesmo endereço, rua Pres. Olegário Maciel. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.

Armando & Venina



Residência localizada na rua Boa Vista. Década de 1920. Acervo Dalva Santos Zema.

Bazolli, mestre-de-obras, foi quem acompanhou a construção da residência de **Armando Santos** e **Venina Machado**, terminada em 1922, ao lado da casa de Chiquinho dos Santos, na rua “Boa Vista”. “José Pintor” (de Araxá) e Pedro Leopoldo (do Rio de Janeiro) foram os responsáveis pelas pinturas internas, artisticamente elaboradas. Pela beleza arquitetônica e conforto, recebia pessoas ilustres.

Armando Santos, influente



Venina Machado e Armando Santos. 1960. Acervo Maria Antonieta Ávila Oliveira.



Prédio da Prefeitura Municipal de Araxá, no mesmo local, rua Pres. Olegário Maciel. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.

Barão Veríssimo & Anna Rosa

A residência de **Veríssimo Vieira de Paiva**, *Barão Veríssimo*, e de sua esposa, **Anna Rosa Carneiro de Paiva**, foi construída pelos idos de 1910 no antigo largo da Matriz. Barão Veríssimo, homem de posses, passava a maior parte

do ano na fazenda. Sua chegada à cidade era preparada com vários dias de antecedência e comemorada com festas para toda a cidade. Festas que ficariam na história.

Em 1927, **Garibaldi**

na política, fez de sua casa ponto de reunião dos mais importantes políticos da época. Muitos deles lá eram recebidos, desfrutando a casa e a hospitalidade de seus ocupantes. O Presidente de Minas, Mello Vianna, lá se hospedava quando vinha a Araxá.

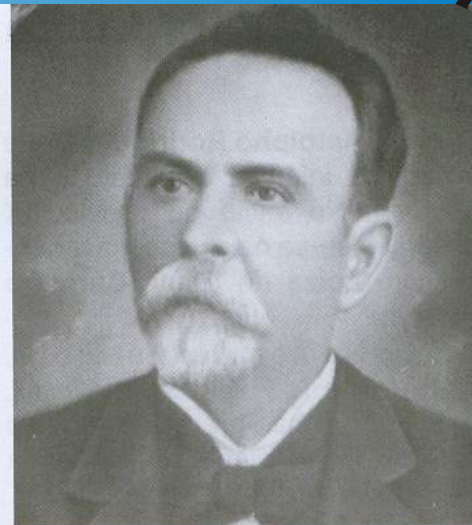
Juiz de Paz, realizava os casamentos em casa. Deixou mais de 400 afilhados. Venina foi mãe de 17 filhos, criando-os todos com amor e dedicação. Armando e Venina eram os pais de Domingos Santos, prefeito de Araxá por duas gestões.

Vendida em 1945, foi demolida para dar lugar à construção da Agência do Banco do Brasil, atualmente ocupada pela Prefeitura Municipal.

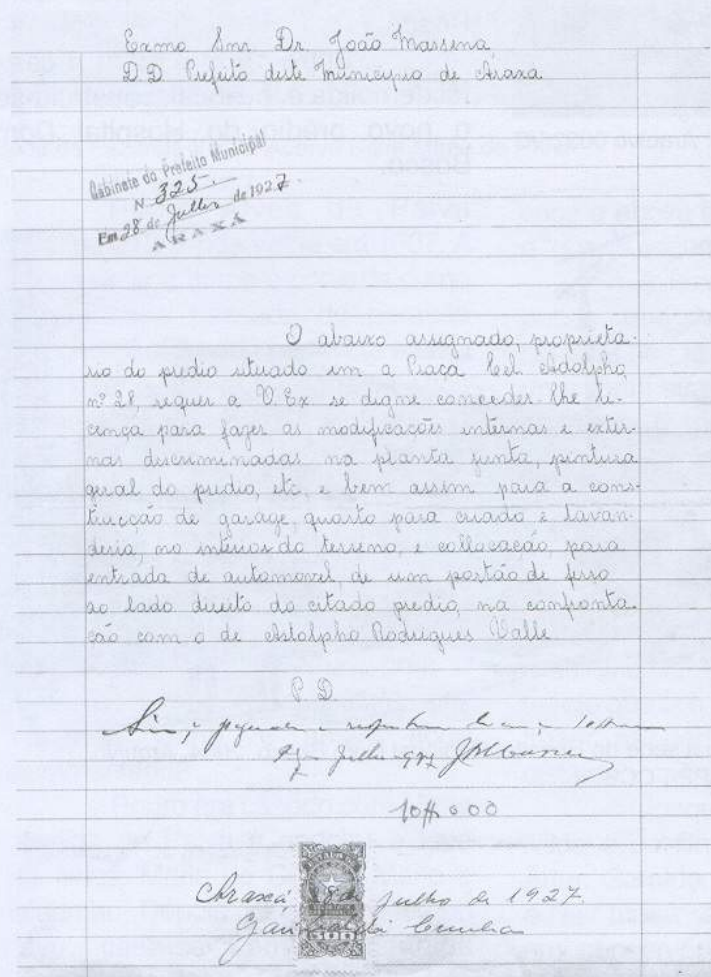
Cunha adquiriu o imóvel e o reformou, mudando-se para lá, em 1929, com sua esposa, **Olga Torres**. Garibaldi Cunha foi Promotor de Justiça, Inspetor de Ensino e, mais tarde, exerceu a advocacia. Olga, personalidade



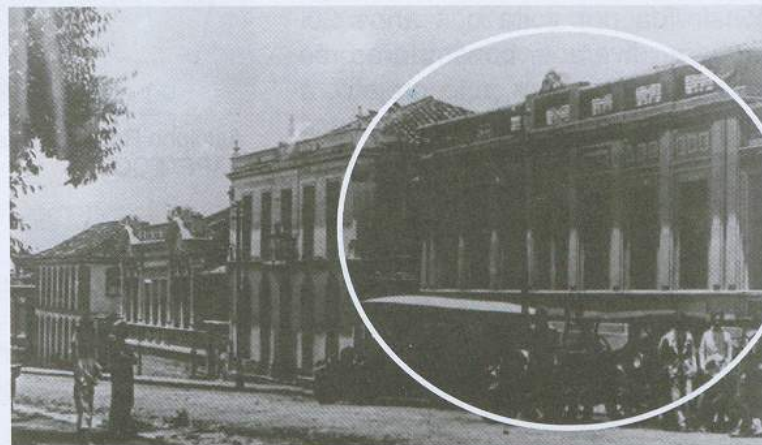
Residência localizada na praça Cel. Adolpho. Década de 1920. Acervo Yolanda Colombo.



Barão Veríssimo. Década de 1910. Acervo Museu Histórico de Araxá Dona Beja.



Requerimento solicitando modificações internas e externas na antiga residência do Barão Veríssimo. 28/07/1927. Arquivo CC/000717/SAPP/FCCB.



Residência localizada na praça Cel. Adolpho. Final da década de 1920. Arquivo 00058/C/SAPP/FCCB.



O casal Dr. Garibaldi Cunha e D. Olga Cunha. 1906. Acervo Celme Cunha Drummond.

forte, gostava de ler e de manter-se informada. Na década de 40, após o falecimento de Garibaldi, a casa foi alugada a **Hans Wolf** e sua esposa **Sílvia Rodrigues**. Hans, imigrante alemão, trazia em sua bagagem conhecimentos e vontade de trabalhar.

Na década de 60 foi demolida, após ter abrigado por alguns anos o Instituto de Combate às Doenças Tropicais. Ali funciona, hoje, o Anexo da Câmara Municipal.



Hoje, anexo da Câmara Municipal. 2004. Acervo SAPP/FCCB.

Astolpho & Luíza

Astolpho Rodrigues Valle viveu sua infância e juventude na fazenda. No início do século XX estabeleceu-se na cidade, casando-se com **Luíza de Paula Carneiro Teixeira**.

Homem experiente, determinado e responsável, Astolpho tinha grande prestígio político, tendo sido Presidente da Câmara Municipal de Araxá.

Chegou a possuir cerca de 23 casas. A bela residência, na praça Coronel Adolpho, foi construída por volta dos anos 20. Embora diversos construtores se responsabilizassem pelo projeto, a orientação vinha de Astolpho. Casa ampla e confortável, com paredes pintadas por artistas de renome e um



Astolpho Rodrigues Valle. Arquivo 00325/C SAPP/ FCCB.

jardim de inverno onde samambaias e telas apropriadas se alternavam embelezando o local.

Luíza gostava das plantas. No pomar, mangueiras, bananeiras, além de frutas de qualidades diversas.

Os irmãos Adhemar e Sebastião (Minico) Rodrigues Valle, herdeiros naturais, venderam a propriedade ao Dr. Adhemar Rodrigues Valle Jr. e Dr. Mário Cecílio Salomão, que ali fizeram funcionar o antigo Hospital Dom Bosco.

Entre 1969 e 1970 a casa foi demolida e, no local, construiu-se o novo prédio do Hospital Dom Bosco.



Antiga residência de Astolpho Rodrigues Valle e Luíza de Paula Carneiro. Na década de 1960 instalou-se aí o Hospital Regional Dom Bosco. Acervo Hospital Regional Dom Bosco.



Atual sede do Hospital Regional Dom Bosco. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.

Terêncio & Adélia



Residência localizada na rua Pres. Olegário Maciel. 1985/1986. Arquivo SAPP/FCCB.

Construída na década de 1920, a residência de **Terêncio Pereira de Resende e Adélia Rodrigues Valle** (rua Boa Vista) sempre permaneceu na família. Mesmo após sua demolição.

Terêncio, homem criativo, fazendeiro, músico e atuante na comunidade.

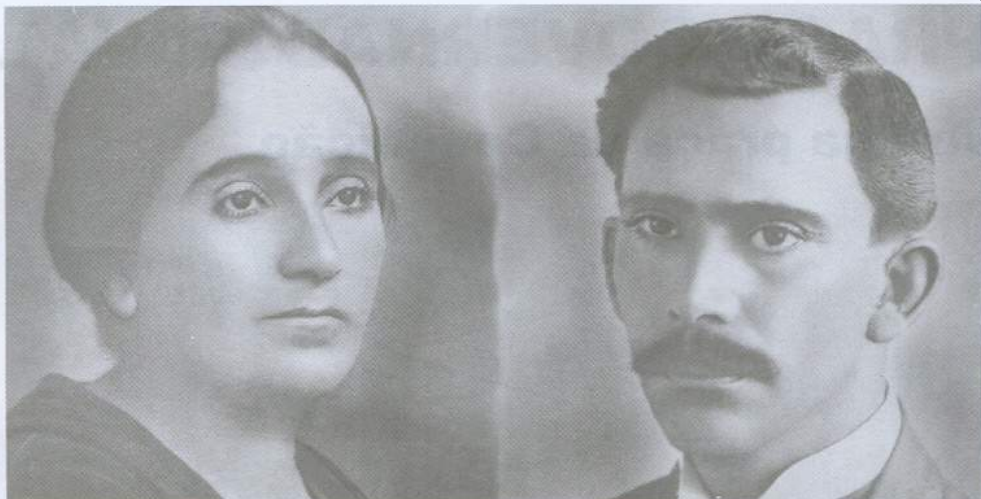
Adélia gostava de política e, por inúmeras vezes, ajudou com patrocínio as campanhas da UDN União Democrática Nacional.

Após a morte de Adélia em 1959, Antônio Pereira Valle

(Toninho da dona Adélia), adquirindo a parte dos irmãos em 1963, tornou-se o único proprietário.

Dona Delica, sua irmã, continuou residindo na casa até 1974, aproximadamente. A partir daí foi alugada, passando a funcionar, ali, durante alguns anos, o Hotel Boa Vista.

Demolida no final dos anos 80, existe, hoje, no local um pátio para estacionamento de carros.



O casal Terêncio Pereira de Rezende e Adélia Rodrigues Valle. 1922. Acervo Antônio Pereira Valle.

Dr. Heitor & Adélia



Residência localizada na rua Boa Vista (hoje Pres. Olegário Maciel). Década de 1920. Acervo José Daguálberto Borges.

O palacete “Villa Célia” foi uma das mais belas residências edificadas em Araxá na primeira metade do séc. XX. **Dr. Heitor Augusto Montandon (Adélia Ribeiro)** mandou construí-la para presentear sua única filha, Célia Montandon, que se casava, em 1926, com Gentil dos Santos.

Dr. Heitor, médico formado no Rio de Janeiro, Prefeito Interino em 1941, falava fluentemente o francês e o espanhol. Adélia, enérgica e responsável. Gentil dos Santos, temperamento alegre e extrovertido e Célia, bonita e elegante.

O alto luxo da decoração,

cristais, peças e móveis importados, além das paredes pintadas por artistas de renome tornavam-na uma residência de rara beleza.

Nos idos de 1960, a casa foi vendida. Em seu lugar, foi construída, em 1970, a Agência do Banco Real em Araxá.



Adélia Ribeiro e Dr. Heitor Montandon. 1920. Acervo José Daguálberto Borges.



Estabelecimento bancário construído no mesmo local. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.

PRAÇA GOVERNADOR VALADARES

Antiga praça da Conceição



Vista parcial da antiga praça da Conceição, atual Governador Valadares, onde se vê ao fundo, a rua Boa Vista. Década de 1940. Acervo Magaly Cunha Porfírio.



Jacy Rodrigues de Faria e Manoel Lopes da Silva. 1965. Acervo Manoel Lopes da Silva.

A primeira casa à direita foi a residência de **João Maximiano de Affonseca e Silva** e **Francisca de Paula Eremita** (*Dona Chichi*), pais de Sebastião de Affonseca e Silva e avós de Dom José Gaspar, Arcebispo Metropolitano de São Paulo. Situava-se na antiga rua "Boa Vista".

João Maximiano, tabelião do Cartório do 1º Ofício, homem de posses.

A casa foi demolida na década de 1960 e nova construção, edificada. Nela reside o casal José Vieira Borges e Nair Amâncio Borges. José, fazendeiro e comerciante, e Nair, ex-professora de corte e costura.

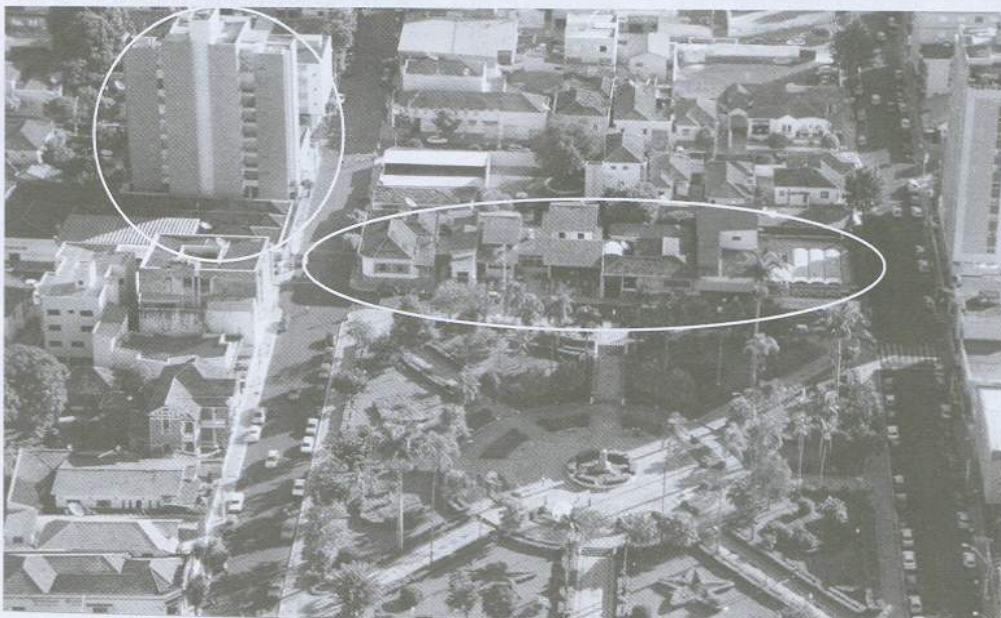
Ainda em direção à esquerda, a residência seguinte pertenceu a **Melchíades da Cunha Soares** que a herdou, em 1914, de João Maximiano, avô de sua esposa **Zoraida**. Melchíades Cunha, homem influente na política, foi vereador, Presidente da Câmara e Prefeito Interino em 1954. Zoraida, exemplo de fé, dedicação e amor à família.

Paulo e Terezinha Castro Alves adquiriram o imóvel e construíram, em 1982, a nova residência do casal, uma linda casa. Paulo foi agropecuarista. Terezinha, companheira e amiga.

A casa da esquina (rua Presidente Olegário Maciel com Nossa Senhora da Conceição) pertenceu a **Cassiano de Paula**, comerciante e homem de bem. **Maria Benedita Eremita** (*tia Cocota*), dona de um imenso coração, distribuía amizade e carinho a todos que com ela conviviavam. Eles eram os avós do Deputado Federal Aracely de Paula.



O casal João Maximiano de Affonseca e Silva e Francisca de Paula Eremita. 1914. Arquivo 00254/SAPP/FCCB.



Vista aérea da praça Governador Valadares, onde se vê, ao fundo, a rua Presidente Olegário Maciel. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.



O casal Zoraida Porfírio e Melchíades da Cunha Soares. 1967. Acervo Maria Auxiliadora Cunha Varela.

Outras famílias vieram depois.

Em 1965 a casa foi adquirida e reformada por **Manoel** e **Jacy Rodrigues de Faria**. Manoel entendia de mecânica de automóveis e foi sócio na empresa Baroni & Cia. É homem viajado e, por diversas vezes, representou o Brasil no exterior. Jacy era inteligente e extremamente graciosa.

Do outro lado da rua, na esquina oposta, rua "Boa Vista" com rua Nossa Senhora da Conceição, ficava a residência de **Agenor Braga de Araújo** e de sua 1ª esposa, **Fanny Porfírio**, que faleceu ainda jovem, deixando exemplos dignificantes.

Posteriormente, **Braga**, como era conhecido, adquiriu o imóvel acima, onde viveu com sua segunda esposa, **Waldete (Dona Dedê)**, exímia na arte do "crochê".

Atualmente ergue-se no local o edifício residencial Agenor Braga de Araújo.

No casarão da esquina funcionou o Hotel Modelo de propriedade de Felix Dumont e, a seguir, o Hotel Jardim de Francisca de Moura Barreto (D. Chiquinha). Depois veio sua demolição na década de 60. Estabelecimentos comerciais passaram por ali como as Indústrias Reunidas Dutra de Joaquim

Dutra. Pertence ao Grupo Zema desde 1982.

Atuante na política, Braga foi também comerciante, Juiz de Paz e fundador da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Fanny e Zoraida eram irmãs e sobrinhas de Dona Cocota, filha de João Maximiano. As três casas foram herdadas de João Maximiano, pai de Dona Cocota e avô de Fanny e Zoraida.



Waldete Fontes, segunda esposa de Agenor Braga de Araújo. 1934. Acervo Fernando Braga de Araújo.



Fanny Porfírio, primeira esposa de Agenor Braga de Araújo. Década de 1920. Acervo Henrique Braga de Araújo.



Agenor Braga de Araújo. Década de 1930. Acervo Fernando Braga de Araújo.



Residência de Agenor Braga de Araújo. 1983. Acervo Fernando Braga de Araújo.



Edifício residencial Agenor Braga de Araújo, localizado na rua N. Sra. da Conceição. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.

Álvaro Cardoso & Celuta

Na confluência das ruas “Boa Vista” e Almeida Campos (antiga Av. Goiás), **Álvaro Cardoso de Menezes** e sua esposa, **Celuta**, fixaram residência em 1941 na bela casa projetada pelo engenheiro Emmanuel Gianni. Gianni, por vários anos, foi professor de Matemática no Colégio Dom Bosco na década de 1930.

Álvaro, além de farmacêutico e pecuarista forte, foi prefeito em Araxá entre 1940 e 1945 e, posteriormente, Secretário de Estado da Agricultura.

Quando de sua mudança para Belo Horizonte, a casa foi alugada a **Martiniano Mavignier**, gerente do Banco do Brasil, e **Maria Emília**. Ali era o ponto de encontro da alegria e da descontração, em parte, por sua inquilina ser musicista. Tocava vários instrumentos além de cantar.

Mais tarde, **Cassiano**



Emmanuel Gianni, arquiteto responsável pela construção da residência localizada na rua Boa Vista, hoje Pres. Olegário Maciel. Década de 1930. Acervo Magaly Cunha Porfírio.



Álvaro Cardoso de Menezes, ex-prefeito de Araxá e primeiro proprietário. Década de 1930. Arquivo SAPP/FCCB.



Residência localizada na rua Presidente Olegário Maciel, esquina com a rua Almeida Campos. 1984. Acervo José Sebastião Cheir Dib.

Lemos Filho e Maria de Lourdes Santos adquiriram o imóvel e foram eles os últimos moradores até a demolição entre 1984 e 1985.

Cassianinho, como era conhecido, pecuarista de renome e cidadão conceituado. Lourdinha, de extremo bom gosto, submeteu a casa a algumas reformas, para que melhor se adaptasse aos novos tempos.

Hoje, no local, ergue-se o edifício Omar Dumont, que abriga em suas dependências vários estabelecimentos comerciais, cerca de 20 apartamentos, salão para festas e “play ground”.

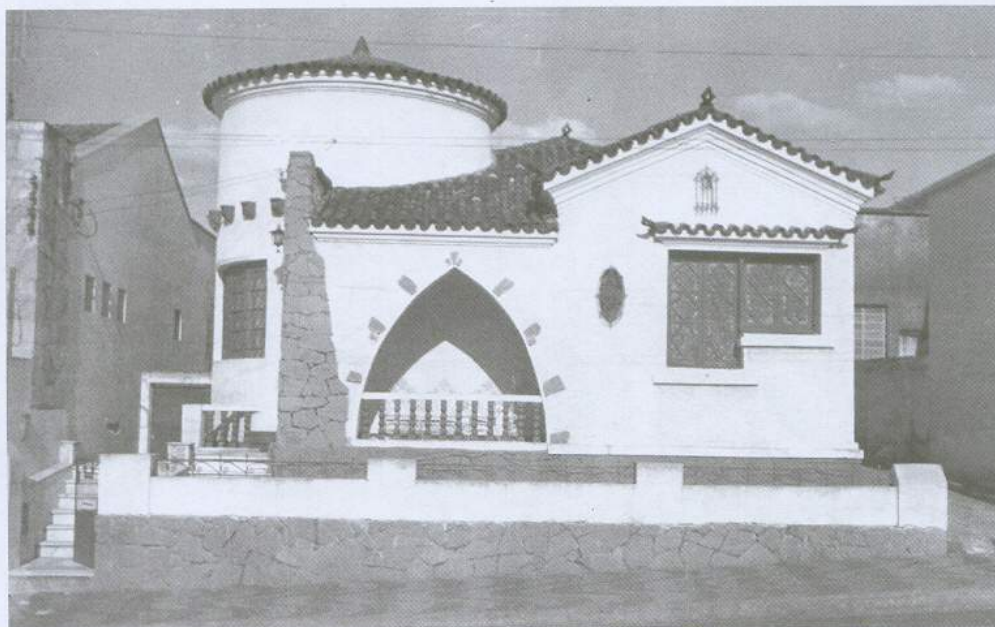


Maria de Lourdes e Cassiano Lemos Filho. 1990. Acervo Maria Helena Lemos.



Edifício Omar Dumont, localizado na esquina da rua Pres. Olegário Maciel com a Almeida Campos. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.

Zizinho & Elizena



Residência localizada na Av. Antônio Carlos. 1985/1986. Arquivo SAPP/FCCB.

Um outro projeto de Emmanuel Gianni foi a residência de **José Ananias Aguiar (Zizinho)** e **Elizena Afonso**, construída no final da década de 1930 na Av. Antônio Carlos. Zizinho, pecuarista de peso. Sua maior força estava em ter sido um grande benemérito da APAE. Elizena, educada e afável.

Mário e Iolete Afonso adquiriram o imóvel em 1959 e nele residiram por muitos anos. Mário e Iolete, cidadãos presentes na vida araxaense, contribuíram para o desenvolvimento da cidade. Após o falecimento de ambos em 2001, a casa foi vendida, demolida e em seu lugar edificou-se um imóvel com destinação comercial.



Mário e Iolete. 1964. Acervo Ana Maria Afonso Agostini.



Hoje, prédio comercial localizado na Av. Antônio Carlos. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.



Elizena, Maria Elizena e Zizinho. 1951. Acervo Alonso José Aguiar.

Luiz Colombo & Virgínia

Luiz Henrique Colombo chegou ao Brasil no final do séc. XIX. Entre os objetos, sua ferramenta de trabalho: uma colher de pedreiro.

Para si e para sua esposa, **Virgínia Scarpellini**, construiu o imóvel situado na esquina das ruas Boa Vista e Mariano de Ávila.

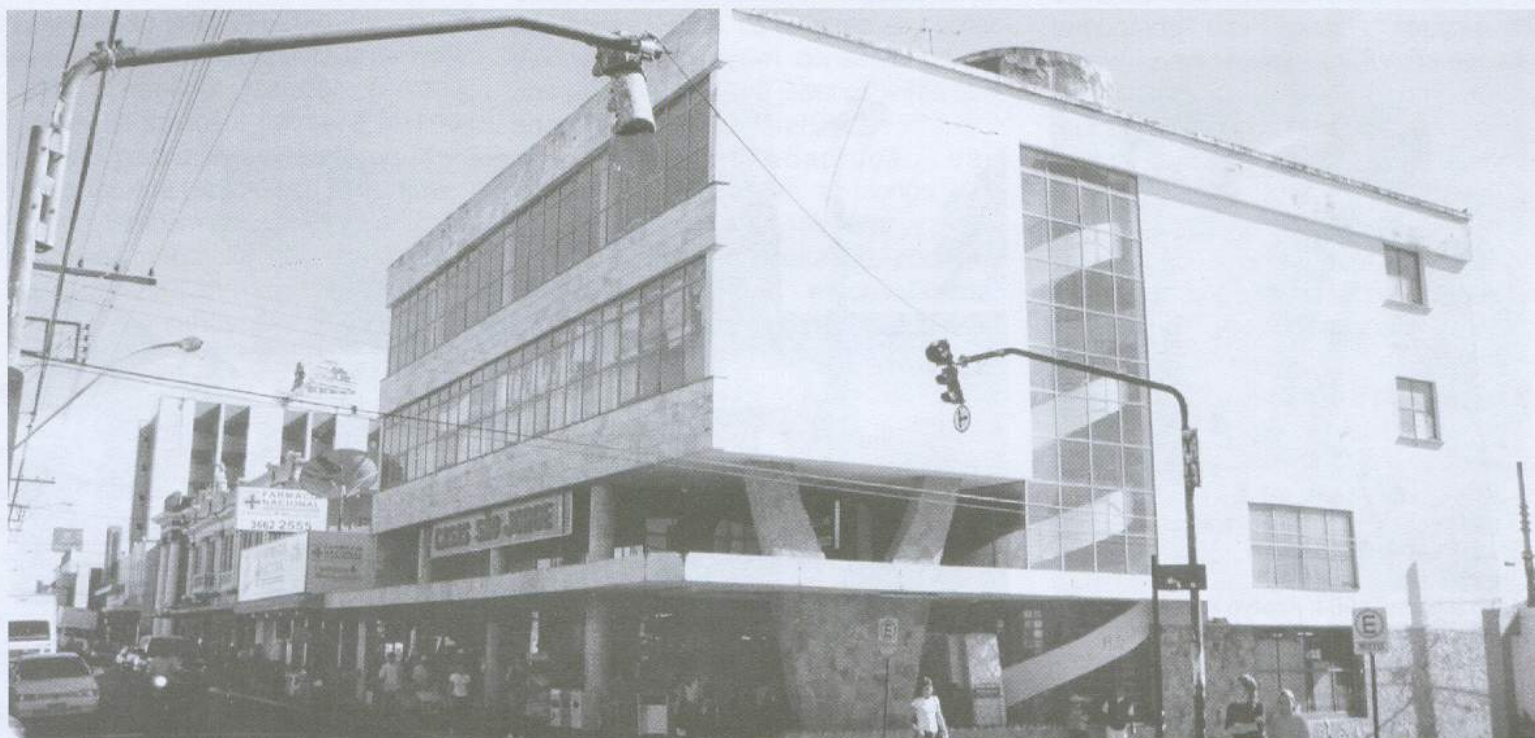
Construtor e depois hoteleiro, Luiz Colombo foi homem de visão e avançado para sua época. Virgínia era cheia de vida, otimista e franca.

Anos depois a casa foi vendida para **Fenelon e Nair Santos**. Havia ao lado, no jardim, um enorme cajueiro – a tentação das crianças.

Fenelon foi fazendeiro



Residência localizada na rua Boa Vista, hoje rua Pres. Olegário Maciel. Década de 1940. Acervo José Leopoldo Jorge Akel.



Hoje, estabelecimento comercial localizado na esquina da rua Pres. Olegário Maciel com a Mariano de Ávila. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.



Fenelon Santos. Acervo Maria de Lourdes Santos Velludo.

abastado, vereador e Presidente da Câmara em 1946. Alegre e de bem com a vida, Nair sabia ser amiga e companheira.

Anos passados, Fenelon transferiu-se para Barretos e deixou a casa alugada para Daniel Henrique Pinto e Corina Dumont que ali viveram por 4 anos com a filha Celeste, o genro Izidro e as netas, Maria Lúcia e Maria Célia, aguardando os trabalhos de recuperação do Hotel Pinto.

Em 1953 a casa foi adquirida por Abrahão José Bittar e demolida. Hoje, ali, ergue-se imponente a Casa São Jorge de propriedade de **José Leopoldo Jorge Akel**.



Nair Santos. Acervo Maria de Lourdes Santos Velludo.

HOTEL CASSINO COLOMBO

O imóvel construído por **Luiz Colombo** foi concluído em 1912. Compreendia dois blocos: O primeiro, situava-se na esquina da rua "Boa Vista" com a Av. d'Abbadia (atual Av. Antônio Carlos). Aí foi instalado o Hotel Cassino Colombo.

O segundo, já na Av. d'Abbadia era integrado ao hotel. Ali funcionavam o Cassino e o Salão de Festas. O Sr. Uchoa (de Ribeirão Preto) havia trazido para Araxá o jogo de roleta bancado por Waldemar Siqueira e José da Cunha. Nesse segundo bloco vivia Luiz Colombo e sua família. Mais tarde essa mesma casa foi alugada ao Sr. Uchoa.

Depois passaram a residir no local **Clóvis Cardoso** e **Elvira dos Guimarães**. Clóvis, viajante, enfrentava estradas abertas no cabo da enxada. Mais tarde foi tabelião. Elvira, personalidade forte, era descendente de espanhóis.

Em 1939, o **Dr. Pedro Pezzuti** comprou a residência de Clóvis e com sua esposa, **Tibúrcia de Ávila**, viveu ali cerca de 20 anos.

Homem culto, Dr. Pedro se



Da esquerda para a direita, Iracema, Ernestina, Virgínia, Luiz Colombo, Atilio, José e a criança Yolanda. 1923. Acervo Yolanda Colombo.



Em pé, da esquerda para a direita, Clóvis Júnior, Clory e Clodir. Sentados Elvira e Clóvis Cardoso. 1930. Acervo Marília Cardoso Borges.



Avenida d' Abbadia, hoje Avenida Antônio Carlos. Arquivo 01661 SAPP/FCCB.



Estabelecimento comercial localizado na Av. Antônio Carlos. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.



Dr. Pedro Pezzuti e Tiburcinha. 1958. Acervo Suzana Pezzuti Aguiar.

adiantou a sua época e foi participante ativo da vida araxaense. Personalidade cativante, *Tiburcinha*, como era chamada, falava fluentemente o italiano e gostava de conversar sobre política e futebol.

Com o falecimento do Dr. Pedro em 1960, *Tiburcinha* ainda permaneceu por algum tempo na casa e, em 1962, vendeu-a para Dário Afonso e Irene de Ávila.

Dário, produtor rural e selecionador de raças bovinas. Irene, dedicada ao trabalho, durante muitos anos foi fornecedora de hortigranjeiros para o Grande Hotel do Barreiro, produtos cultivados por ela.

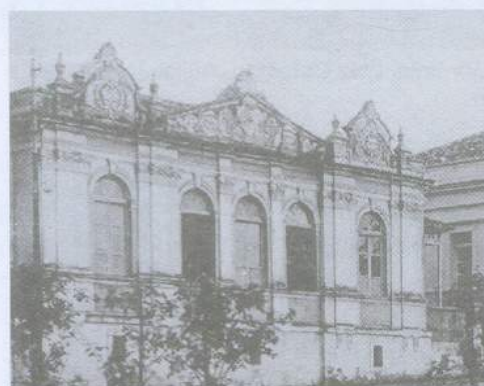
A casa ampla e confortável foi demolida em 1999 para a construção de um imóvel comercial.

CASAS PRESERVADAS

“Sinhô” de Ávila & Emirena



Residência localizada na Av. Antônio Carlos. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.



Residência localizada na antiga Av. d'Abbadia hoje Av. Antônio Carlos. Década de 1930. Arquivo 01661/SAPP/FCCB.



Emirena e Sinhô de Ávila. 1915. Acervo Cândida de Ávila Lemos.

No início da década de 1930, **Antônio de Ávila** (*Sinhô de Ávila*) e **Emirena de Aguiar** adquiriram de Manoel de Ávila Lemos (Manoel dos Patos) a residência localizada na antiga Av. d'Abbadia, ao lado do antigo Hotel Cassino Colombo.

Manoel de Ávila Lemos, fazendeiro, era casado com **Hipólita Lemos**, pai de Ambrosina (Dona Nenê) e de Josina de Ávila Lemos. Foram os seus primeiros moradores.

Sinhô de Ávila remodelou a casa, tornando-a acolhedora, para que ele e sua esposa, ali, pudessem criar com dedicação os seus filhos. Pisos e azulejos ainda permanecem os mesmos.

Sinhô, fazendeiro próspero e dono de grandes áreas de terras, gostava de ler, era educado e afável.

Sob a administração de Emirena, todo o sustento da família provinha da fazenda, à exceção do açúcar e da farinha de trigo.

Terezinha (filha) e Emirena (neta) ainda vivem na casa que guarda, entre suas paredes, a lembrança de tempos idos e de histórias felizes vividas por essa família.

Cel. Adolpho & Maria Rita

“Pedro Pintor” fez as pinturas nas paredes internas da residência construída pelo **Cel. Adolpho de Aguiar** e **Maria Rita da Silva** em 1902 no antigo largo da Matriz, hoje, praça Cel. Adolpho.

Falecendo o Cel. Adolpho em 1911, o filho José Adolpho manteve-a até 1930, quando a vendeu para João Batista Aguiar que, na década de 1940, passou-a às mãos de José Primo de Mello (Juca Primo). Hoje, pertence aos seus sucessores.

Construída com requinte, o acabamento interno é rico e ali



Residência localizada na praça Cel. Adolpho. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.



José Primo de Mello, Maria Luíza e familiares. Acervo MDB/FCCB.

podem-se ver divisórias em cristais bisotados, lustres “baccarat”, mobílias francesas trabalhadas com mármore de carrara e “marqueterie” (marchetaria).

Juca Primo, personalidade

cativante, foi pecuarista e um dos fundadores da Associação dos Ruralistas de Araxá, hoje, ARAP.

Sua mulher, Maria Luíza, notabilizou-se pelo cultivo de plantas ornamentais e, até hoje, ali



O casal Cel. Adolpho e Maria Rita. 1891. Acervo José Pedro Pezzuti de Aguiar.

está, nos jardins da casa, uma camélia plantada por ela.

Carlos José Lemos e Beatriz de Mello Franco (neta) são os atuais moradores.

José Adolpho & Silvéria

Em 1925 José Adolpho de Aguiar mandou construir para sua mãe, Maria Rita, a casa situada numa das esquinas da praça da nova Matriz, hoje, praça São Domingos. Antes da conclusão das obras, Maria Rita faleceu e a casa passou a ser de **José Adolpho e Silvéria Aguiar** que para lá se mudaram em 1930.

Construção luxuosa, projetada pelo arquiteto Lunardi. O piso da sala de visitas formando mosaicos com peças de madrepérola, constituindo-se único em toda Minas Gerais.

Artísticas pinturas decoravam os cômodos da casa e, nos quartos, as cortinas repetiam os desenhos das paredes.

José Adolpho, líder político, prefeito por duas gestões, fundador do PSD - Partido Social Democrático, provedor da Santa Casa de Misericórdia e presidente da Associação Rural.

Silvéria comercializava os produtos da fazenda e a conduzia



Residência localizada na esquina da praça São Domingos com a Av. Antônio Carlos. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.

com mãos de ferro. Preocupava-se com a conservação de sua sede.

Após o falecimento de Silvéria em 1978, a casa foi vendida, em meados de 1980, a Cristóvão Martins de Oliveira. Seus atuais moradores, **César Miguel de Faria e Maria Helena** a preservam, resguardando para o futuro as belezas do passado.



José Adolpho de Aguiar e Silvéria Aguiar. 1959. Arquivo 01242/SAPP/FCCB.

Antônio José & Theodora Jacintha



Residência localizada na esquina da Av. Antônio Carlos com a rua Cap. José Porfírio. Acervo Victor Hugo Porfírio Borges.

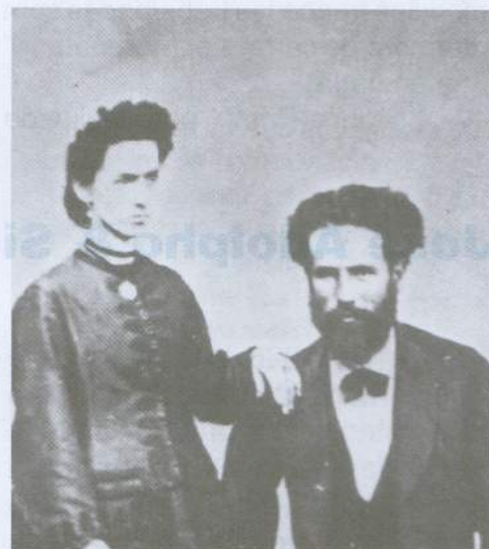


Elias Porfírio de Azevedo e Maria Dolores. Acervo José Rubens Porfírio Borges.

Silva e Maria das Dores (nora) e, em 1909, para o genro de Joaquim Antônio, Elias Porfírio de Azevedo e Dolores (filha).

Joaquim Ewandinack Porfírio de Azevedo e os irmãos herdaram-na de seus pais, Elias e Dolores. Hoje, pertence a Victor Hugo (Carmen Revollo) Porfírio Borges, neto de Elias, que a restaurou em 2002.

Nesta casa, que sempre pertenceu aos descendentes diretos de Antônio José da Silva Botelho, nasceu Pe. Alaor Porfírio de Azevedo, pároco em várias cidades da região.



Maria das Dores de Ávila e Joaquim Antônio da Silva. Final do século XIX. Acervo Ronaldo Alencar Porfírio Borges.

Na esquina da Av. Antônio Carlos com a rua Capitão José Porfírio, a casa construída por volta de 1840 por Antônio José da Silva Botelho, passou, ao longo do tempo, por ampliações e reformas até chegar, em 1901, ao que é hoje.

Foi a primeira residência em Araxá a ter água encanada—bombeada manualmente— e banheiro completo no corpo da casa. Até então usavam-se instalações sanitárias precárias no quintal e a água para o uso diário era transportada em baldes desde o poço ou cisterna.

Após o falecimento de **Antônio José da Silva Botelho** e de sua esposa **Theodora Jacintha de Castro**, a casa passou para o filho mais velho, Joaquim Antônio da



Residência localizada na esquina da Av. Antônio Carlos com a rua Cap. José Porfírio. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.

João Ribeiro & Maria Januária

João Ribeiro de Souza prometeu à sua esposa, **Maria Januária Borges** (Marica), presenteá-la “um dia” com uma linda casa, tão bonita quanto o amor que ele lhe dedicava. E assim o fez.

No final de 1927, a casa estava construída. Projeto do genro, Armando Brito Castro. A residência estava localizada em um terreno de 23 alqueires e possuía grande pomar com árvores frutíferas, paiol, curral e pocilga.

No interior, a parte superior das paredes era pintada com arte. O madeiramento da casa, todo em cedro, durante oito anos permaneceu cortado e secando na Fazenda da Mata, de propriedade de João Ribeiro.

A mobília de sala veio de Istambul, Turquia, trazida pelo Sr. João Galdino e hoje se encontra no Museu Histórico de Araxá Dona Beja, doada pela bisneta Maria Simone Borges, por intermédio do Padre Henrique (neto).

João Ribeiro era fazendeiro abastado e presidente do PRM — Partido Republicano Mineiro— de Arthur Bernardes. O Grupo Escolar Delfim Moreira foi construído em terreno cedido por ele. Também doou toda a madeira do Colégio São Domingos e



Cecy Goulart e Mário Bittar. 1971. Acervo José Salim Bittar.



Residência localizada na Av. Imbiara. 2000. Acervo do CEM Centro Educacional Moderno/ Colégio Atena.



João Ribeiro de Souza e Maria Januária Borges. 1910. Arquivo MDB/FCCB.

beneficiou várias entidades.

Marica tinha grande habilidade manual e gostava de música. Tocava “sanfona”. Muita alegria e reuniões de família por ocasião dos aniversários.

Na década de 1960 a propriedade situada na Av. Imbiara foi adquirida por **Mário Bittar** e **Maria Auxiliadora Goulart** (Cecy) que

residiram ali por algum tempo. Homem de caráter, Mário marcou sua presença através de exemplos de honradez e retidão. Cecy era alegre e social. Casou-se aos 15 anos, uma quase menina, tendo tido 10 filhos no espaço de 12 anos.

Mais tarde a casa foi alugada ao CEM — Centro Educacional Moderno. Hoje, permanece vazia

Adhemar Valle & Amália



Residência localizada na rua Alexandre Gondim, esquina com a rua Cônego Cassiano. Acervo SAPP/FCCB.

A residência de **Antenor e Marieta de Ávila Lemos**, na esquina das ruas Alexandre Gondim e Cônego Cassiano, foi construída por Astolpho Rodrigues Valle em 1930. Por algum tempo ali residiram Adhemar Rodrigues Valle e Amália Porfírio. Posteriormente, Joaquim Antônio de Ávila (Zico do Morro Alto) e Adélia Benevides Jacob.

Em 1934, Antenor Lemos adquiriu o imóvel, passando a residir nele com a esposa Marieta.

Homem íntegro, Antenor, que era fazendeiro, e sua mulher, Marieta, exímia no crochê, ali criaram os filhos, inculcando-lhes o

gosto pelo dever e pela justiça.

Com o falecimento de Antenor (1984), seu filho **Manoel Gaspar Lemos** comprou dos irmãos a parte que lhes coubera por herança na casa e com sua esposa, **Sarah Rodrigues Lemos**, ali passou a residir.

O imóvel mantém as mesmas características originais, inclusive o mobiliário que inclui um jogo de quarto artisticamente trabalhado em madeira e que pertenceu a Antenor e Marieta, avós de Antônio Leonardo Lemos Oliveira, atual Prefeito Municipal de Araxá.

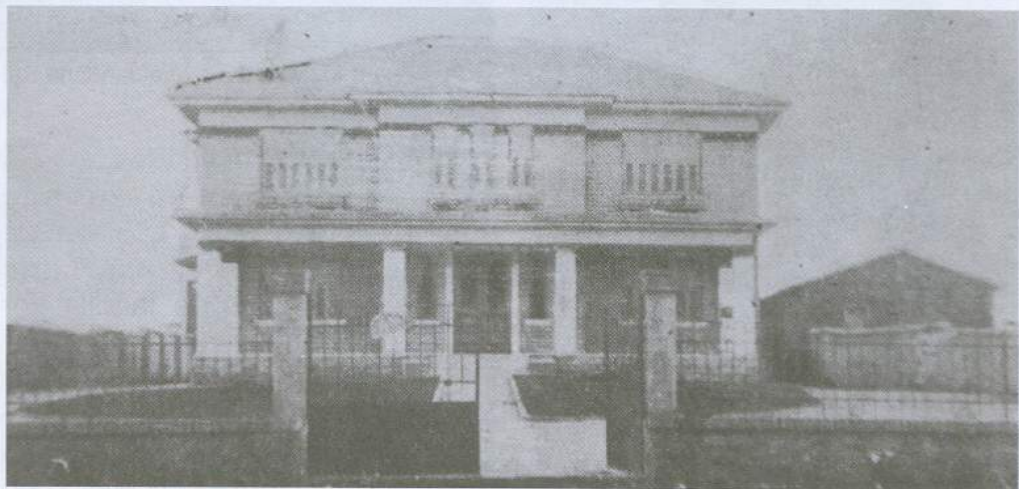


Antenor (Marieta) de Ávila Lemos. 1977. Acervo Ronaldo Lemos.

Almeida Machado & Magnólia

A bela residência do Dr. **José Porphyrio de Almeida Machado e Magnólia Fonseca**, construída na década de 1920 onde hoje é a praça Emílio Carlos Philippini, é, ainda, um marco arquitetônico.

O Dr. Almeida Machado formado pela Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, Rio de Janeiro, exerceu em Araxá, por longos anos, a medicina. Daqui transferiu-se para São Paulo, onde, mais tarde, faleceu. Dr. Almeida



Residência localizada na praça da "Nova Matriz". 1928. Arquivo SAPP/FCCB.

Câmara do Prefeito Municipal

N.º 603

Sala de C. de 1925

A. F. A. A. A.

Excm. Sr. Prefeito do munici-
pío de Araxá

De acordo com o req. em vigor (art. 242) a altura
de pavimento inferior deve ter o mínimo de 3,5^m e do ou-
tro 3,4. As plantas devem vir em duplicata de modo
a ficar uma via original e outra devolvida com o visto (art.
241) e devem declarar qual o empreitador ou construtor
(art. 229). Pleim Araxá 30/6/1925

Pedido de licença para construção
de uma casa para residência
localizada em terreno
situado na praça da Nova Matriz
e Avenida Imbibia, a queixo
a 7.º Excm. a aprovação das
plantas planta e também
a ligação de água potável,
na nova linha de canalização,
que vem descendo pela avenida,
de acordo com o art. 25.º de
Regulamento em vigor.
Em tempo, acrescento que
a casa será construída com
um pérgo de 10 a 15 metros
de frente.

R. D.

Araxá, 30 de Junho, de 1925
Dr. José Porphyrio de Almeida Machado



Requerimento assinado pelo Dr. José Porphyrio de Almeida Machado, solicitando o início da construção de uma casa localizada na praça da "Nova Matriz". 1925. Arquivo CC 000325/SAPP/FCCB.

Machado e Magnólia eram pais do Dr. Paulo de Almeida Machado, Ministro da Saúde, no Governo Ernesto Geisel.

Após várias reformas a casa perdeu algumas de suas características originais. Em seu interior, porém, as portas em cristal permanecem a testemunhar o passado.

Vários moradores por ali passaram.

Como o Dr. Almeida Machado, o atual proprietário, o **Dr. Fernando Eugênio Machado**, também é médico. E seu sobrenome Machado vem de outro tronco familiar.

Dr. Fernando e sua esposa, **Ana Victória Cabral**, zelam pela preservação desta que é uma das mais belas e imponentes casas de Araxá.



Residência localizada na praça Padre Emílio Carlos Philippine. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.

Nadim & Clarice

A residência da praça Governador Valadares, nº 415, antiga praça da Conceição, teve sua construção iniciada em 1924 e concluída em 1926.

Projeto e responsabilidade de construção de João Bazolli. Execução feita para **Arnaldo (Nadim) Araújo e Clarice Santos**.

Nadim, homem de visão, dinâmico e empreendedor, foi sócio na Casa Braga e um dos construtores do Cine Teatro Glória, atual Casa do Poeta. Clarice, inteligente, bonita e "batalhadora".

Na década de 30, foi adquirida pelo Dr. Edmar Cunha e



Clarice Santos. 1925. Acervo Dulce Araújo.



Arnaldo Araújo. 1925. Acervo Dulce Araújo.



Residência localizada na praça Governador Valadares, propriedade de Milton (Nilda) Tomasovich Júnior.



Dr. Edmar Cunha. 1930. Acervo Viviane Cunha de Paiva.



Waldete Santos. 1932. Acervo Viviane Cunha de Paiva.

Waldete (irmã de Clarice) que ali passaram a residir.

Dr Edmar, médico de reconhecida competência, exerceu a profissão em Araxá e aqui faleceu.

Waldete, professora e dedicada à família.

Os atuais moradores, Milton Tomasovich Júnior e Nilda, herdaram-na de Milton Tomasovich

(médico). A casa mantém suas características originais e ergue-se imponente, a lembrar tempos passados.

Juquinha Galdino & Mariana

Residência em estilo colonial, construída entre o terceiro e o quarto quartel do século XIX. Localiza-se na rua Alexandre Gondim, nº. 208, parte antiga da cidade.

Reformas foram feitas desde a sua aquisição, tais como: anexação de um alpendre, garagem e edícula (pequena casa), mudança do acesso principal para o lateral, revestimento do piso (chão batido) por ladrilho e tábuas corridas.

José Porfírio Ferreira (Juquinha Galdino), fazendeiro, era casado com **Mariana de Ávila**, com quem teve 5 filhos. Juquinha Galdino, adepto da leitura e da música clássica, gostava de ler jornais e dicionários, falava francês e possuía noções musicais. Dedicou-se também a empreendimentos importantes como a aquisição do Cine Capitólio e a do Grande Hotel de Araxá.

Mariana (Fiica) viveu para a

família. Exímia cozinheira, especialista em doces, tais como brevidades e suspiros que de tão alvos pareciam ter sido secados ao sol.

Hoje, a propriedade pertence aos herdeiros de Mariana e Juquinha e é um dos casarões mais antigos de Araxá. Continua sendo preservado pela família.



Residência Localizada na rua Alexandre Gondim. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.



Juquinha e Fiica. 1965. Acervo Fabrício de Ávila Ferreira .

Dr. Pedro & Tiburcinha

Dr. Pedro Pezzuti e **Tibúrcia de Ávila** construíram sua casa em 1926 na antiga praça da Conceição, hoje praça Governador Valadares. O construtor responsável foi o mestre-de-obras João Bazolli. Ali, Dr. Pedro Pezzuti, médico influente e escritor, manteve seu consultório. Com eles vivia o Cônego Pedro Pezzuti, um dos primeiros imigrantes italianos vindos para Araxá.

O bom gosto de seus proprietários fez dessa uma

residência bonita e acolhedora.

Por volta de 1938 - 1939, a casa foi adquirida pelo casal Diomedes Gentil dos Santos e Ranulfa Gomide. A casa passou por ampliações, tendo sido a primeira residência em Araxá a possuir uma sala de banhos com peças e azulejos coloridos (verde e rosa). Emmanuel Gianni, responsável pelas reformas, fez vir de São Paulo os móveis, além de lustres importados, cristais e peças raras de refinado bom gosto. Nas



Diomedes Gentil dos Santos e Ranulfa Gomide. 1940. Acervo Helena Santos Bernardes.

portas, os trabalhos em madeira executados por José Cândido e, no teto, por Antônio Barreto. Ambos, artistas de renome. As paredes das salas receberam artísticas pinturas, ainda hoje conservadas.

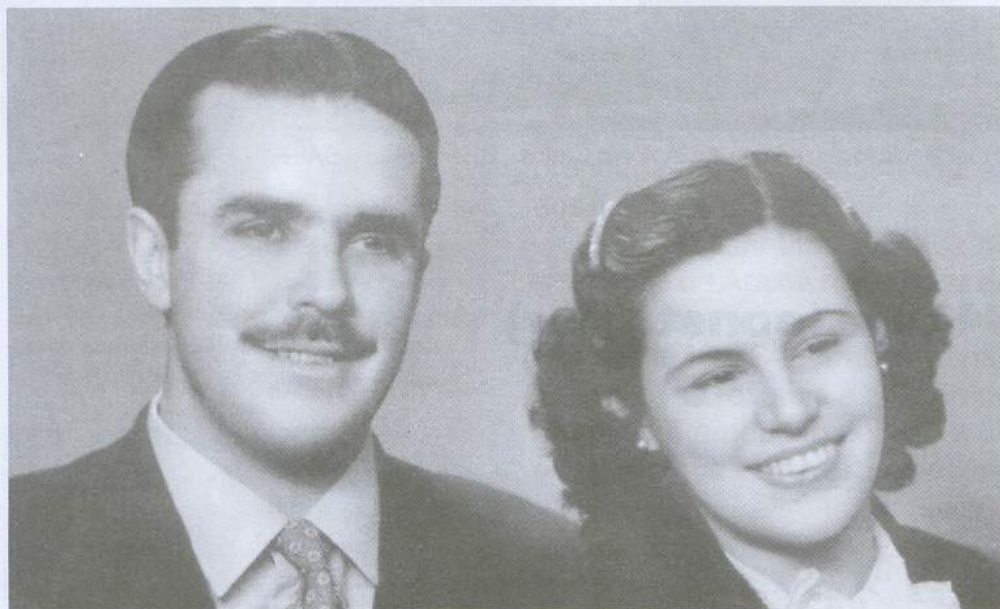
Diomedes, pecuarista, chegou a possuir 29 fazendas. Atuante na política, foi presidente do PSD — Partido Social Democrático. Ranulfa, reservada e dedicada à família.

Hoje o imóvel pertence a **Durval Bernardes** e **Helena** (filha de Diomedes) que zelam por sua preservação.



Residência localizada na praça Governador Valadares. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.

Dr. Pedro & Dora



Dr. Pedro (Maria Dora Drummond) de Paula Lemos. 1944. Acervo Marina Drummond de Paula Lemos Rios.

Shakespeare Gomes projetou a residência de **Dr. Pedro de Paula Lemos** e **Maria Dora Drummond**. Edwald Brasil, o responsável pela construção dessa bela residência, situada na confluência da rua Santos Dumont (antiga rua Ibiguitaba) e Av. Antônio Carlos. A data de sua construção, 1942.

Dora, a viúva de Pedro, vem cuidando de sua preservação, mantendo-a com as características de origem.

Peças raras e preciosas foram adquiridas ao longo do tempo e com a famosa coleção de

xícaras antigas de Hermantina Drummond, mãe de Dora, compõem o acervo dessa casa.

O mobiliário em estilo Renascentista, adquirido em São Paulo, está perfeito.

Pedro faleceu prematuramente, deixando um legado de trabalho, dignidade e experiência. Foi um dos fundadores da ABCZ — Associação Brasileira dos Criadores de Zebu.

Dora deu continuidade à atividade pecuária da qual Pedro era um grande entusiasta.



Residência localizada na esquina da Av. Antônio Carlos com a rua Santos Dumont. Acervo Maria Dora Drummond de Paula Lemos.

Cassiano Lemos & Josina

A residência de **Cassiano de Paula Lemos** e **Josina de Ávila** foi concluída em 1942. O projeto baseou-se no mesmo da casa de Pedro de Paula Lemos (filho).

Cassiano, pecuarista conceituado, era carismático e de personalidade marcante. Josina deixou exemplos de vida e dedicação.

Após o falecimento de Cassiano e Josina, a casa permaneceu, por algum tempo, com as filhas Clarice e Odila.

Em 1974, foi adquirida pelo casal João Alonso de Oliveira e Maria das Dores Senna que a atualizaram internamente, preservando o acabamento original, inclusive os lustres.



Josina de Ávila. 1949. Acervo Maria Dora Drummond de Paula Lemos.



Cassiano de Paula Lemos. 1949. Acervo Maria Dora Drummond de Paula Lemos.



Residência localizada na Av. Antônio Carlos. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.

Astolpho Rodrigues Valle (construtor)

Carlos Magno Bittencourt e **Sandra Lemos** são os atuais proprietários da antiga residência situada na Rua Dr. Franklin de Castro e construída em 1902. Diversos moradores passaram por ali.

A casa mostra o zelo de seus proprietários que a preservam com carinho. O madeiramento conserva-se o mesmo e suas janelas, trabalhadas em formão, mostram as irregularidades dos trabalhos artesanais. É ampla, circundada por imensa varanda. Jacarandá, peroba e bálsamo, as madeiras utilizadas. Em seu interior, lareira e lustres antigos. Pé-direito de 3m e 10. O antigo porão é, hoje, utilizado para atender às necessidades da casa. A maior parte das paredes é construída em adobe e o muro que a separa de outras propriedades é todo ele em pedra tapiocanga.

Essa residência foi construída por Astolpho Rodrigues que chegou a possuir 23 casas destinadas a aluguel.



Residência localizada na antiga rua do Comercio, hoje, Dr. Franklin de Castro. 2004. Arquivo SAPP/FCCB.

Colaboração

Arquiteto e decorador Demilton Dib.

Fontes

* Arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto/Levantamento de Bens Imóveis.

* Depoimentos: familiares dos moradores

das residências abordadas na matéria.

Referência Bibliográfica

SURIANI, Rogério Massari. *Releitura das Ambientes Brasileiras*. Coordenação Geral: SENAC.

Agenor Lemos

Exemplo de empreendedorismo, talento e ousadia



Agenor Lemos. Década de 50. Acervo Sandra Lemos Tavares.

Personalidade

Procedente de uma das famílias mais tradicionais de Araxá, **Agenor Lemos** foi exemplo de luta incansável em prol da classe agropecuária e, hoje, merecidamente, dá nome ao Parque de Exposições de Araxá.

Nasceu em 1924. Dos 13 filhos de Manoel de Ávila Lemos, *Nequinha*, e de Aureliana Machado Lemos ele era o 9º. Sua infância e a boa convivência com a família se passou na “Fazenda dos Patos” (Serra do Salitre/MG). Levou por toda a vida os ensinamentos que aprendeu com o *Sr. Nequinha* na lida com o gado e com a terra. Após perder o pai, aos 15 anos, viu-se obrigado a continuar o trabalho. De forte personalidade, é lembrado pelo talento agropecuário, espírito de ousadia e de empreendedorismo.

Talento Agropecuário

Em junho de 1948 casou-se com Hercy da Silva Lemos, filha de João Antônio da Silva, *João Serrano*, e de Sebastiana da Silva, fazendeiros vizinhos. Encontrou na esposa a companheira perfeita. Em ambientes festivos, sempre com fino trato, recebia os convidados. Viveram na fazenda por alguns anos e, mais tarde, fixaram residência na rua Calimério Guimarães, centro da cidade, preocupados em facilitar o acesso dos filhos à escola.

Adquiriu uma fazenda no município de Araxá, na década de 1950, e outra no município de Perdizes/MG. Seu trabalho nas fazendas se resumia à criação de gado, com produção de leite e de queijo – o queijo mineiro. Vendia o produto para alguns armazéns atacadistas da cidade e estes o exportavam para os grandes centros consumidores da época: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Pioneirismo e Ousadia

Vander de Castro Alves, no jornal *Correio de Araxá*, fez menção à festa de N. Sra. d’Abadia realizada em 1957 no Estádio Municipal Fausto Alvim e organizada por Agenor Lemos e Américo Marques. Devido ao feliz resultado, numa das reuniões da Associação Rural de Araxá, nasceu a idéia de se realizar uma Exposição Agropecuária.

Agenor, sócio da Associação Rural de Araxá, participou da Comissão

Organizadora da 1ª *Exposição Agropecuária e Industrial de Araxá*, realizada de 30 de agosto a 1º de setembro de 1958, no Parque de Exposições de Araxá. A prefeitura municipal, através do prefeito Sr. Domingos Santos, fez doação de um terreno, na antiga Chapada. *A cidade morreu nas ruas e viveu, como nunca vivera antes, no pitoresco local da Exposição. Araxá vibrou com a Exposição* e foram três dias inesquecíveis para os moradores que se entregaram de corpo e alma ao grande espetáculo.

Perseverança

Em 30 de novembro de 1958 é fundada a Cooperativa Agropecuária de Araxá (CAPAL) e **Agenor** se mostra como o articulador e mentor desta idéia. Os objetivos da iniciativa são os de defender economicamente os associados e o de facilitar as condições de escoamento de produtos.

Ao consultar as atas dessa cooperativa, pode-se notar o rápido crescimento do número de associados. Também são mostradas as vantagens em se unirem em prol de um bem comum, o de comercializar seus produtos de forma justa e democrática. **Agenor**, o primeiro presidente da CAPAL, esclarece sobre a necessidade de angariar novos adeptos.

A ampla visão para os negócios pode ser claramente observada enquanto foi presidente. Com muita cautela, só contrai empréstimos para ampliar os empreendimentos, se tem a

absoluta certeza de poder saldá-los. Em abril de 1959 a Cooperativa conta com 83 sócios e ao final de seu mandato, em janeiro de 1962, alcança o número de 561 associados.

A *11ª Exposição Agropecuária e Industrial de Araxá*, realizada pela Associação Rural de Araxá em 1959, contou com as mesmas comissões do ano anterior. **Agenor** compunha a Comissão Organizadora.

Empreendedorismo

Aconteceram inúmeras reuniões da Associação para prestar contas de exercícios de anos anteriores e eleger novas diretorias. **Agenor** integrava a diretoria-executiva da instituição, ora como conselheiro efetivo, ora como conselheiro fiscal ou fiscal efetivo.

Em agosto de 1964 há eleição para o biênio 1964/1966 e **Agenor** é eleito presidente. O prefeito Domingos Santos envia uma correspondência ao novo presidente cumprimentando pela *investidura na presidência dessa importante entidade e augurando-lhe uma profícua e eficiente gestão à frente dos destinos da tradicional Associação Rural de Araxá, cumprimentos estes extensivos a todos os demais ilustres componentes da Associação.*

Centenário da Cidade

1965. A cidade encontra-se em festa. É o Centenário da Cidade! Uma vasta programação é oferecida para comemorar os 100 anos de emancipação política de Araxá. Sr. Domingos Santos, o prefeito, fica à frente dos preparativos. O “Altar da Pátria” é construído na Av. Antônio Carlos; a imagem de “Cristo Redentor”, erguida no Alto de Santa Rita; o Museu Regional Dona Beja, inaugurado por Assis Chateaubriand.

Nesta ocasião, Aníbal de Blasiis cria o brasão da cidade. Magaly Cunha e Aparecida Mesquita compõem o Hino ao Centenário que, em 1977, se tornou, através de lei municipal, o Hino Oficial de Araxá.

Pode-se notar o entusiasmo reinante entre os associados, pronunciando-se desde já o maior empenho dos mesmos no sentido de que as festividades se revistam da maior funcionalidade e eficiência. Estas palavras estão registradas na ata da primeira reunião presidida por **Agenor Lemos** na Associação Rural de Araxá. Com espírito de liderança, com carisma e entusiasmo contagia todos os associados.

Agenor Lemos, o “mago” da Exposição, cria diversas Comissões para melhor realizar a festa que se tornou inesquecível para a cidade. Ele *fez notar seu profundo reconhecimento pelo decidido e decisivo apoio de todos que, com a maior boa vontade, contribuíram para o empreendimento.*

O “Parque Industrial Assis Chateaubriand” foi assim chamado como uma expressiva homenagem ao jornalista e diretor dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, patrono e convidado especial da festa.

Agenor cultivava amizade com personalidades do cenário político nacional, como Magalhães Pinto, Assis Chateaubriand e diversos outros. Na abertura oficial da Exposição estiveram presentes várias autoridades federais, estaduais e municipais.

Um espetacular e suntuoso desfile cívico, evocando a história centenária do município, encantou todos os presentes nas principais ruas da cidade. Os primeiros habitantes da região, os índios Araxás, foram lembrados e também a mitológica *Dona Beja* (representada pela jovem Magaly Cunha, a primeira a encenar a figura de *Dona Beja*)

acompanhada por sua mucama e um escravo. Os Bandeirantes com suas bandeiras e armas, os Cometas (antigos viajantes), o Congado e o Moçambique, a Folia de Reis e diversas outras referências à história de Araxá puderam ser vistos. A senhorita Sandra Lemos, filha de *Agenor* e Rainha da Exposição, surgiu escoltada por belas amazonas no encerramento do desfile.

Durante os sete dias de festa houve muitos rodeios, shows artísticos, desfiles e classificação de bovinos das raças Indubrasil, Gir, Nelore, Holandês, Hereford (de origem inglesa cujos primeiros exemplares foram trazidos por Chateaubriand especialmente para a festa) e de diversos outros animais como suínos, eqüinos, caprinos, ovinos etc.

Hélio Ferreira, no jornal *Correio de Araxá* daquele ano de 1965, traduz o sucesso da festa tecendo elogios ao *Comandante Agenor, Presidente Agenor, idealista Agenor, que sabe o que quer, conhece o que pode, arranja o que deve, procura alcançar aquilo que muitos nem pensam talvez! Você é herói, você tem valor! Que o povo o estimule, que a gente o aplauda, que a nossa cidade erga um brinde a você. Que sonhos viveu a nossa cidade.*

Outras edições da festa agropecuária foram realizadas pela ARAP — Associação dos Ruralistas do Alto Paranaíba (denominação recebida em janeiro de 1968). **Agenor** participa da Comissão de Organização por duas vezes, em 1968 e 1970.

Novos Rumos

No início da década de 70, juntamente com outros sócios, **Agenor** funda o “Lacticínios Estância Araxá Ltda”, localizado próximo ao aeroporto. *Edificado em terreno de inconfundível beleza topográfica,*

de panoramas luxuriantes, contando com uma área construída de aproximadamente 3 mil metros quadrados, servida de água própria, extraída de generoso poço semi-artesiano. Em 1974 este empresário de larga visão amplia as dependências das instalações e modernos maquinários são entregues à sociedade.

O quadro de funcionários é formado exclusivamente de moradores de Araxá. Segundo **Agenor**, temos que valorizar o que é nosso, afinal, o elemento humano é dos melhores. Nossos técnicos foram por nós enviados aos mais avançados centros, para cursos e estágios, acumulando uma bagagem de conhecimentos respeitável, à altura da unidade que acabamos de implantar aqui.

O Laticínio consumia de 50 a 60 mil litros de leite por dia e produzia queijo prato, provolone, cabacinha, nozinho, frescal, cobocó, ricota, parmesão e manteiga de leite de superior qualidade. O mercado consumidor era bem diversificado. Várias cidades dos principais estados do país importavam os produtos araxaenses. Peritos alemães de um laboratório de São Paulo, após analisarem amostras dos queijos, afirmaram que eram dos melhores e mais completos do mundo.

Diversidade

Em 1977 o grupo vende o laticínio para a Embaré. Hoje é a sede das instalações industriais da Capal. Nesse período, o arrojado empresário aumenta seu patrimônio e dá a largada para novos empreendimentos. Adquire mais uma fazenda, a “Pão de Açúcar”, e juntamente com seu irmão, Astolfo Lemos, começa a importar gado da Argentina e do Uruguai para atender aos produtores rurais das regiões do sul de Goiás, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba que se interessavam pela melhoria

genética de seus animais.

Comprou mais duas propriedades neste período: a Fazenda Matinha na Sesmaria do Barreiro e a Fazenda Serrote no município de Perdizes.

A década de 80 é marcada pelo ingresso de seus filhos, Agenor Lemos Júnior (o Juninho) e Roberto Lemos, na administração dos negócios. Em 1981 é criada a loja “O Rei do Queijo” e, em 1982, o “Grupo Agenor Lemos” parte para a produção de café, milho e leite industrializado, quando se inaugura o Laticínio, lançando a marca “Araxá”.

Tradição Familiar

Hoje, os irmãos, Sandra, Juninho e Roberto, administram os diversos segmentos do grupo SAGRO Empreendimentos Ltda: *Agenor Lemos Empreendimentos* (setor de loteamento Mangueira II e Veredas da Cidade), *Agropecuária Nequinha Lemos* composta pelas fazendas Matinha, Pão de Açúcar, Bonanza, Boa Vista, Belo Horizonte e dos Patos (venda de grãos, leite e gado), *Hotelaria* (Plaza Inn, Quinta dos Lemos, Motéis Tropical e Eldorado) e *Alimentação* (queijos “Araxá” e O Rei do Queijo).

Para os filhos, o pai foi um exemplo de cidadão que pretendem seguir. O que deixou foi aperfeiçoado e multiplicado para o sustento da família. Lutou incansavelmente pela classe agropecuária e por sua cidade. A família, já aumentada por genro, noras e sete netos, conta com a presença querida da matriarca Hercy Lemos.

Agenor Lemos deixou saudades. Em 07/03/1992 Araxá perdeu um líder, homem de apurado senso de humor e de grande visão para os negócios. Acima de tudo amou a família, deixando exemplos de coragem e dignidade. Através de dinamismo e competência, os filhos seguem o exemplo do pai e, com orgulho,

administram e fazem prosperar o patrimônio recebido.

Reconhecimento

Em fevereiro de 1995, a Associação dos Ruralistas do Alto Paranaíba (ARAP), tendo à frente Wilson Rios, decide homenagear algumas pessoas que tanto fizeram para o progresso da entidade. Os nomes de “Geraldo Lemos”, “Geraldo Pereira Marques”, “Edson Alvarenga Júnior”, “Antônio de Ávila”, “Victorico Alvarenga” e “Urciano José Ribeiro” são indicados e aprovados, unanimemente, para designar os primeiros galpões construídos para animais no Parque de Exposições de Araxá e o de “Francisco Primo de Melo” para o Tatersal, lugar onde se realizam os leilões.

A partir desta data, após tantos anos sendo chamado “Parque de Exposições de Araxá”, num justo reconhecimento ao cidadão *Agenor Lemos*, o local passa a ser denominado “**Parque de Exposições Agenor Lemos**”.

Fontes

- * Acervo Família Agenor Lemos
- * Acervo Magaly Cunha Porfírio Borges
- * Arquivos do Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações/FCCB
- * Depoimentos: Agenor Lemos Júnior, Fausto de Ávila, Leonardo Aguiar e Roberto Lemos
- * FAMÍLIA LEMOS. In: *O Trem da História*. Boletim informativo da Fundação Cultural Calmon Barreto. Araxá, ano 3, nº 11, out./dez./1993.
- * *Jornal Correio de Araxá*. Décadas de 1950/1960/1970/1980.
- * Livros de Ata da Cooperativa Agropecuária de Araxá Ltda. – CAPAL. Anos 1959-1962
- * Livros de Atas da Associação dos Ruralistas do Alto Paranaíba – ARAP. Anos 1958-1995
- * O CORREIO DE ARAXÁ. *O Trem da História*. Araxá, nº 23, maio/set./1997.
- * ZEMA, Cátia Maria Lemos Melo. *Inside Grupo Agenor Lemos*. Clarim, Araxá, 13/09/2002.

Referências bibliográficas

- Lei Municipal nº.1521, de 30/11/1977.
LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. *Das águas assadas à terra do sol: ensaio sobre a história de Araxá*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999.
MONTANDON, Leonilda Scarpellini. *Vamos Conhecer Araxá*. Foton, 1987.

FAZENDAS

A ECONOMIA NO SÉCULO XIX

Por volta de 1896, a implantação do regime republicano não tinha modificado a situação das famílias de trabalhadores do campo que representavam, naquela época, uma grande parte da população brasileira. As grandes propriedades continuavam com autonomia tanto no litoral quanto no interior do país (onde se destacavam os latifúndios improdutivos). Esses eram a razão principal da submissão e da miséria da população rural. Isso acontecia nas últimas décadas do Império e nas primeiras da República.

No final do século XVIII a atividade econômica no Brasil era o plantio da cana-de-açúcar e do café. Em meados do século XIX, o açúcar deixou de cumprir papel dominante na economia do país e a atividade pecuária ganhou realce.

Os campos eram reservados exclusivamente aos rebanhos apesar de as terras servirem a todo tipo de cultura. As fazendas eram extensas e várias delas pertenciam à mesma família. Muitas vezes eram compradas por preço bastante acessível ou recebidas de antigas sesmarias doadas.

Até o final do século XIX era comum ver, nos registros das escrituras de compra e venda nos cartórios, a falta de esclarecimento com relação aos limites de propriedades. Eram assim descritos: "uma sorte de terras de campos..." Esta pequena importância dada à terra também acontecia com os produtos. Plantava-se muito "para o gasto" devido à precariedade

dos transportes e estradas. A lavoura não era o nosso forte. A pecuária era a responsável pelo crescimento econômico da região.

No Brasil sempre se questionou a nossa "pobreza", o nosso esforço para crescermos economicamente. Nunca chegamos lá, mas já passamos por fases de muito desenvolvimento, por exemplo, a era do café.

Houve um grande crescimento na exportação, mas o déficit da balança de pagamentos do país é sempre maior por causa da dívida externa. É sempre a mesma história.

Em 1895, o deputado Alcindo Guanabara assim fala em um inflamado discurso:

***Há de fato
um mistério, o mistério da
nossa progressiva miséria.
Somos um povo que
trabalha, um povo que
produz,
que tem por
assim dizer
o monopólio virtual
de dois gêneros
indispensáveis e
não vemos o fruto de
nosso trabalho,
não gozamos o resultado
da nossa produção,
somos cada vez mais
pobres.***

Isso nos remete aos dias de hoje quando a idéia e a realidade são semelhantes à daquela época.

Em 15 anos, só pelos portos do Rio de Janeiro e de Santos exportamos café em

valores altíssimos. Tão enorme soma fundiu-se e desapareceu, ninguém sabe para onde. Somos pobres e não capitalizamos. Nesse contexto econômico, a nível de Brasil, fizemos um apanhado genérico para adentrarmos mais especificamente na nossa região.

A NOSSA REGIÃO

"O apossamento das terras nesta região se dá a partir da abertura da estrada de Goiás, em 1722 (estrada do Anhanguera), através do sistema de sesmarias adotado pelo governo português para o Reino e transplantado para a colônia. A legislação das sesmarias era, em Portugal, uma tentativa para salvar a agricultura decadente e evitar o abandono do campo, já que dava ao Estado o direito de tirar aos donos as terras que eles desleixaram para entregá-las a quem as quisesse lavrar e aproveitar."

A criação de gado começou nas proximidades dos engenhos, mas a procura por terras mais férteis foi trazendo os criadores para o interior.

Retirado do livro: Fazendas de Criação do Triângulo Mineiro. Museu do Zebu.

***Por volta de 1815,
Araxá
era a região
de Minas Gerais
que fornecia maior número
de bois
à capital do Brasil.***

Realmente o gado constituía a nossa única riqueza. Nesta época o valor da água era

reconhecido apenas pelos seus efeitos na criação e engorda do gado. O sal, que era um produto de difícil acesso devido à situação geográfica, era compensado pela presença das águas sulfurosas. Este fato despertou uma disputa das fontes. Houve, inclusive, uma assembléia para se chegar a um consenso.

Um documento, criado através de uma petição ao juiz, apresentava a relação dos fazendeiros com os devidos horários para usufruírem as águas. Era um acordo, “um autêntico termo de bem viver.”

Mais tarde, em virtude da grande procura da região para o gado salitrar-se e das muitas desavenças entre os fazendeiros, a Câmara criou uma taxa de vinte réis por cabeça de gado que entrasse no Barreiro com o propósito de tomar água.

Era uma vida sacrificada e sem conforto algum. A comunicação era escassa. Notavam-se pequenos estabelecimentos entre uma fazenda e outra, onde eram vendidos utensílios domésticos e suprimentos em geral que não eram produzidos nas fazendas.

Os colonos queixavam-se de várias causas que dificultavam o aumento de seus rebanhos. Eram mordidas de cobra, brejos nos quais os animais se atolavam e mortes súbitas atribuídas a ervas venenosas. Também animais eram roubados por pessoas vadias, trazendo a insegurança e o prejuízo para o fazendeiro.

AS MUDANÇAS ECONÔMICAS NO SÉCULO XX

O gado zebu, introduzido no final do século XIX, foi um dos fatores responsáveis pela transformação na economia de nossa região. Um realce apenas para a expansão da cafeicultura nos municípios de Conquista,

Sacramento e leste do município de Uberaba.

No município de Araxá destaca-se, nesta atividade, a fazenda São Mateus. Apesar de ter havido o “boom” do Zebu em toda a região, a pecuária seletiva se torna mais densa nos municípios de Uberaba, Conquista e Araxá.

A pecuária de corte, melhorada com a utilização de reprodutores Zebu, se alarga alcançando os municípios do Prata, Campo Florido e Veríssimo. Entre 1935 e 1945, o Zebu atinge o máximo de sua valorização.

Com a venda de um boi de qualidade comprava-se uma Fazenda.

Toda esta valorização atrai compradores de todo o país e mesmo do exterior. Os reprodutores zebuínos são levados para diferentes regiões do território nacional.

EDIFICAÇÃO RURAL DA ÉPOCA

A arquitetura mostra a cultura da época e a evolução histórica da região. Através de pesquisa realizada, constatou-se que as fazendas da segunda metade do século XIX e início do XX apresentam construções simples com sedes espaçosas e muitos cômodos.

O fator preponderante da escolha do local era a existência de água. Geralmente os proprietários viviam com a família na fazenda. As idas às cidades eram esporádicas e, por isso, essas fazendas tinham de ser auto-suficientes. Possuíam muitos empregados ou mesmo escravos que depois se tornaram

trabalhadores livres e que dividiam várias atividades: lida do gado, plantio das “roças”, produção de alimentos, engenhos, fabricação de sabão e até mesmo fiação e tecelagem.

Apresentavam, em geral, muitas benfeitorias: fornalhas, monjolos, queijeiras, fornos, senzalas, moinhos e cocheiras. Existiam, ainda, cozinha externa, paiol, curral, chiqueiro e retiros, que permaneceram presentes até meados do século XX.

As fazendas de café possuíam mais elementos como armazéns e terreiros de secagem e, como envolviam maior número de empregados, era comum terem também escolas e capelas. A partir da terceira década do séc. XX há uma mudança de estilo nas casas de fazenda. Pode-se notar uma tendência à modernização em que predominam a simplificação e a geometrização das fachadas, bem como a organização dos espaços internos.

Com a migração das famílias de fazendeiros para os centros urbanos, devido ao processo de urbanização e por oferecerem as cidades melhores condições de vida, a fazenda passa a ser administrada por um caseiro que irá morar próximo à sede.

As casas mais antigas são reformadas proporcionando maior conforto aos moradores.

As reformas são direcionadas para instalações sanitárias, espaços para lazer, varandas e, até mesmo, piscinas. Segundo Marília Brasileiro do Vale: “...parte integrante de nossa história, as fazendas se constituem em rico patrimônio cultural a ser pesquisado, documentado e preservado.”

FAZENDA PARAÍSO

Originalmente constituída de milhares de alqueires, a Fazenda Paraíso tinha como limites o Ribeirão Galheiro e a fazenda Bocaina onde se localiza, hoje, a CBMM. Dela fazia parte a região do Barreiro.

Construída por Antonio Teodoro Botelho da Silva Sobrinho, foi, após sua morte em 1885, dividida entre os herdeiros: seus filhos e genros. Ficou a sede para o genro Azarias Alvarez Ferreira.

Zarico, como era conhecido, foi casado com Elisa de Castro Alves que faleceu ao dar à luz o segundo filho do casal.

O segundo matrimônio de Zarico foi com Luísa de Castro Alves, Duduca, irmã da falecida esposa. Aos treze anos de idade, para se casar, ela deixou o internato do Colégio Nossa Senhora das Dores em Uberaba, onde estudava.

A sede original da fazenda foi demolida em 1937 para ser substituída pela atual e tinha cerca de dezoito cômodos. A antiga casa que abrigou os dois filhos do primeiro casamento (Antônio Castro Alves e Marieta Castro Alves) e dezesseis filhos que sobreviveram dentre os dezoito nascidos do segundo casamento (Hermantina Castro Alves, Nestor Castro Alves, Olga Castro Alves, Olavo Castro Alves, Ronan Castro Alves, César Castro Alves, Dário Castro Alves, Angelina Castro Alves, Walter Castro Alves, Virgílio Castro Alves, Alberto Castro Alves, Orlando Castro Alves, Aparecida Castro Alves, Sebastião Castro Alves, Paulo Castro Alves e Romeu Castro Alves) acolhia, ainda,



Tela da sede, pintada por Almeida Carvalho, em 1945. Acervo Família Castro Alves

vários familiares e amigos. Ali também moraram o pai de Zarico (Luís Alves Ferreira) e quatro de seus irmãos. Além de outras pessoas que o casal recebia, a fazenda também hospedava professoras contratadas para cuidar da educação dos filhos e sobrinhos do casal.

Na fazenda, como era costume da época, moravam famílias de trabalhadores cujos laços de amizade com os Castro Alves perduram até os dias atuais.

As atividades da fazenda passavam pela criação de gado bovino de leite, fabricação de queijos e manteiga e o plantio de cana para abastecer o engenho onde se fabricavam açúcar, rapadura e cachaça. Também ali se praticavam culturas de subsistência como o plantio de milho, feijão, arroz, hortaliças e pomar e se criavam carneiros e porcos. A lã obtida na tosquia dos carneiros era

enviada para ser processada pelas tecedeiras da cidade e voltava sob a forma de tecido.

Nos tempos atuais, fazenda Paraíso é sinônimo de pioneirismo e alta qualidade na formação de gado *girolando*, na produção de leite, café, milho, soja, feijão e arroz, além da contribuição para a história e a tradição de Araxá.

Desde 1951 a fazenda Paraíso pertence a Sebastião Castro Alves casado com Maria Abadia de Castro Alves e com quem tem 7 filhos (Marcelo Rios de Castro Alves, Maria Luiza de Castro Afonso, Maria Aparecida de Castro Marcondes, Maria Tereza de Castro Montandon, Dirceu Rios de Castro Alves, Maria Ângela de Castro Valle e Eduardo Rios de Castro Alves) e 15 netos. Sebastião é o filho caçula da numerosa e querida família formada a partir de Zarico e Duduca.



Sede atual da Fazenda "Paraíso". Acervo Sebastião Castro Alves.



Maria Abadia de Castro Alves e Sebastião Castro Alves - Cerimônia do casamento em 1951.

FAZENDA DAS AMORAS

FAZENDA DAS AMORAS



Sede da Fazenda das Amoras. 1942. Acervo Antônio Leonardo Teixeira.

O nome original da fazenda, quando eram proprietários Ana Cândida de Ávila e Antônio Afonso Teixeira, era "Boa Vista". O casal tinha 3 filhos: Antônio Afonso Teixeira, José Afonso Teixeira e Tibúrcio Afonso Teixeira.

Por volta de 1942, coube ao Dr. Tibúrcio uma gleba de 700 alqueires de terra recebida por herança de seus pais. A partir dessa data, a fazenda mudou de nome porque a sede, que começaria a ser construída, ficaria no local do Espigão das Amoras, daí a inspiração para o nome. A fazenda está localizada no município de Ibiá-MG.

Dr. Tibúrcio (médico) e sua esposa, Maria (escritora), resolveram assumir suas terras, desenvolvendo atividades agropecuárias. Antônio Leonardo Teixeira, Marcílio Leonardo Teixeira e Maria Leonor Teixeira Lemos são os seus filhos.

A casa foi construída sem planta, seguindo apenas as sugestões de Maria e Dr. Tibúrcio. A construção foi feita pelo oficial, Sr. Lazineiro da Silva, cujos filhos trabalham no ramo de serrarias até hoje.

Lá começaram o plantio de arroz, milho e feijão, uma agricultura apenas de subsistência. Tiravam o leite e fabricavam queijo.

Maria, além dessas atividades costumeiras, começou também a alfabetizar crianças e adultos, ensinando-lhes noções de religião, preparando-os para a Primeira Eucaristia, que se realizava na fazenda uma vez por ano. Nos momentos de lazer, aproveitou suas aptidões literárias e escreveu 6 livros.

Muito acolhedores, sempre recebiam o Pe. Antônio Marcigágli, hóspede importante, que lá ficava por volta de 15 dias em suas férias.

Pe. Antônio Marcigágli apelidou o filho mais velho do Dr. Tibúrcio, Antônio Afonso Teixeira o (*Tonico*), de "almirante". Assim que ele terminou o colegial, foi prestar um concurso para escola naval em Angra dos Reis e, apesar de não ter sido aprovado, Pe. Antônio conservou o apelido.

Como médico, Dr. Tibúrcio cuidava dos agregados e vizinhos que vinham solicitar sua assistência. Seu "hobby" era caçar perdizes com seus amigos Arthur Rosa, Chico Penello, Dr. Pedro Pezzutti, entre outros.

Tonico e sua esposa, Bernadete, casaram-se em 1966. A fazenda foi sua primeira residência e não possuía luz elétrica. Lá faziam velas e lâmparinas.

Continuaram a tirar o leite e fabricar o queijo até que, em meados de 1968, começaram a fazer a entrega do leite à Nestlé.

Em 1972, Dr. Tibúrcio fez em vida, a doação da fazenda para seus 3 filhos. De acordo com a norma que entre eles se estabeleceu, a filha, que é a mais nova, teria direito à sede mas, com a

concordância dos outros dois, Tonico foi quem ficou com o sítio.

As atividades econômicas foram dirigidas com maior facilidade, contam Tonico e Bernadete, em razão de as linhas de crédito bancário beneficiarem o incremento dos negócios nas fazendas, naquela ocasião.

A sede continuou com as mesmas características, casa simples em alvenaria, espaçosa e confortável. Possui currais, queijeira, paiol, estábulo, casas de colonos e monjolo.

Lá, Tonico e Bernadete viveram 12 anos consecutivos e criaram seus filhos, Christiana de Rezende Teixeira Botelho, Érica de Rezende Teixeira Oliveira, Antônio Leonardo Teixeira Jr. e Hugo Leonardo Teixeira.

Hoje a sede está passando por uma reforma, haja vista que toda a família tem um carinho especial por aquelas terras e podendo os 6 netos dar continuidade a essa história.



Dr. Tibúrcio Teixeira. Acervo Antônio Leonardo Teixeira.



Sede atual da Fazenda das Amoras.

FAZENDA ANDORINHAS



Sede frontal da Fazenda Andorinhas. Acervo José Gonçalves de Paiva Teixeira "Jojó"

O nome de registro era Fazenda Pirapetinga, porque fazia parte da Fazenda Pirapetinga na região do córrego de mesmo nome, propriedade do Barão Veríssimo Vieira de Paiva.

O pai do proprietário atual José Gonçalves de Paiva Teixeira, popularmente conhecido por "Jojó", foi José Gonçalves Teixeira, mais conhecido como "Juca Gonçalves", que, em seu livro de contabilidade, chamava a fazenda de "Beira Serra".

A fazenda fica localizada a 24 km de Araxá, sendo 18 km de estrada de terra que se inicia em frente à entrada da CBMM. A primeira sede foi construída por volta de 1920 de adobe e a atual foi feita em 1935 (após a demolição da antiga), exatamente no mesmo local.

José Gonçalves de Paiva Teixeira, "Jojó", recebeu a fazenda por herança em 1971, quando faleceu sua mãe, Rita de Paiva. Família numerosa com 8 irmãos: Sebastião, José, Belma, Mercedes, Maria (Mariinha), Geralda (Dica), Iolanda e Elias. Todos, exceto "Mariinha", nasceram na fazenda e herdaram partes de terra da mesma.

Quando recebeu sua parte (que incluía a sede), "Jojó" a registrou como "Fazenda Andorinhas" devido às revoadas deste pássaro, muito comum naquela região.

A principal atividade econômica, até meados da década de 1990, foi a criação de gado de corte, a princípio, e depois de leite.

Foi feita uma breve retrospectiva da trajetória de atividades na fazenda. Até 1965, aproximadamente, o principal produto fabricado era o queijo. A partir daí, com a instalação do primeiro

grande comprador de leite "in natura" em Araxá (NESTLÉ), todo o leite passou a ser vendido, atividade que teve seu ápice em 1990, com gado de raça girolando e a produção diária de 1.000 (mil) litros, quantidade considerável para aquela época.

As lavouras de café também foram importantes, nas décadas de 1950 e 1960 em terras de cultura e, após 1970, em terras de campo e cerrado.

A partir de 1998, a pecuária de leite e os cafezais começaram a dar lugar à agricultura em larga escala, inicialmente, de batata (irrigada) e feijão e, atualmente, soja e milho. Uma pequena criação de cavalos da raça Mangalarga Marchador também está em andamento desde 1983.

A arquitetura da casa atual é

basicamente a mesma desde 1935, construída com tijolos maciços assentados com massa de barro vermelho e as paredes rebocadas com cal e areia. O assoalho é quase todo de tábua corrida encerada. O estilo se enquadra mais no colonial, com grande pé-direito, janelas altas de madeira lavrada à mão e vidraças tipo guilhotina. Encontra-se pintada de branco (cal), com portas e janelas marrons. As telhas francesas permanecem desde 1935. Ao redor da casa sede, há pátio de tijolos e várias construções como a antiga queijeira (transformada em lavanderia), o alojamento de funcionários, a cozinha externa, os grandes currais com alguns muros de pedra antigos, o paiol etc.

Destacam-se uma antiga casa de forno (ainda de adobe), datada possivelmente de 1920 e um paiol de tábuas, ambos com telhas da época. Há uma pequena usina hidrelétrica, hoje desativada. Outra construção que se destaca é a enorme cocheira de aproximadamente 25x12 metros.

Jojó é casado com Maria José de Paiva Teixeira com quem tem 4 filhos: Cláudia, Júlio, Ângelo e Alexandre. Sua família foi criada entre a cidade e a fazenda. Todos criaram laços afetivos com aquela terra. Hoje continuam a cultivar suas amizades nas reuniões que promovem com amigos e parentes que falam de suas recordações e pensam o futuro naquele local abençoado.



Fachada frontal da Fazenda Andorinhas e vista lateral.

FAZENDA DA MATA

Esta fazenda chamada POÇÕES, localizada no município de Araxá/MG, era dividida em partes e cada gleba pertencia a um dono.

Por volta de 1930 a primeira parte pertencia a Sebastião Gomes de Menezes e Nicomedes Gomes. Foi vendida para Cassimiro Gomes Menezes que tinha como filhos Otávio Gomes de Menezes, Otelvino Gomes de Menezes e Flora Gomes de Menezes. Em 1935 Cassimiro registra esta gleba em nome de seu filho Otávio Gomes de Menezes.

A segunda parte pertencia a Manoel Gomes de Menezes (Neca) que, por volta de 1960, dividiu-a com seus filhos Amador Gomes e Armando Gomes.

A terceira parte pertencia a Otávio Gomes de Menezes que a recebeu como herança de seu sogro, Francisco Amâncio da Costa, tendo construído a primeira sede em 1940.

Smith Gomes de Menezes, filho de Otávio Gomes de Menezes, casou-se com Gabriela Rezende de Menezes e passaram a residir neste sítio a partir de 1954. O casal tem 09 filhos: Marilene, Victor Hugo, Ricardo Wagner, Maurício, Marlette, Mariléa, Fábio, Otávio e Adelina.

Alguns anos depois, Smith comprou as partes de Amador e Armando. A fazenda tem hoje o nome de Fazenda da Mata. É formada por um conjunto de partes herdadas e compradas de parentes herdeiros, num total de 84 alqueires.

No início a atividade econômica predominante na fazenda era o cultivo do milho e hoje é a criação de gado (leite e engorda).

Smith e Gabriela construíram, no alto do morro da Fazenda da Mata, uma gruta para Nossa Senhora Aparecida, de quem são devotos.

Atualmente recebem turistas que por lá fazem um passeio, apreciando um café com quitutes da terra, valorizando o naturalismo e a qualidade de vida.

A família numerosa e muito unida guarda boas recordações e histórias que animam esse convívio



Antiga sede da Fazenda da Mata. Da esquerda para a direita, atrás Victor Hugo, Marilene, Smith e Gabriela. No colo, Fábio e ao lado Maurício. Na frente, Mariléa e Marlette. 1965.

e mostram dados interessantes sobre aquelas terras.

Nos depoimentos da família é lembrado, com ênfase, que a história de nossa Araxá foi iniciada através de grupos que começavam a compor uma parte de terra. De lá foram se formando os conglomerados que, progressivamente, se tornaram

arraial, freguesia, julgado e a nossa cidade de Araxá.

A importância de dar conotação pitoresca às fazendas é motivação maior para se traçar um perfil real de seus antepassados conforme explica esta família que muito tem colaborado para a formação histórica do município.



Atual sede da Fazenda da Mata. Acervo Smith Gomes de Menezes.

FAZENDA FLORESTA



Sede da Fazenda Floresta. Acervo Jamil Rage.

Primitivamente, como o próprio nome indica, aquela área era coberta por matas cortadas por riachos cristalinos que nasciam da serra habitada pelos índios Araxás. Existem nela muitos sítios arqueológicos que informam a presença indígena através de urnas funerárias, machados de granito e objetos que foram desenterrados em vários locais.

Está localizada nos contrafortes na serra da Bocaina, de um e outro lado, na extensão do horizonte perdido, depois da cachoeira do rio São João. Este rio deságua no rio Quebra-Anzol, município de Ibiá/MG. Do alto da serra da Bocaina, de cerca de 1.280 m. de altitude, descortina-se uma visão magnífica de lavouras verdejantes e pastagens, além de inúmeras lagoas e florestas de preservação ambiental.

A sede atual foi construída por volta de 1940, quando era proprietário Zeca de Ávila, pai do escritor Ângelo de Ávila, do falecido Dr. Alonso de Ávila, de José Maria e outros filhos. Os alicerces chegam a ter 1m. de largura, o que indica a solidez da edificação que se

conserva intacta. O jardim existente tem, até hoje, um pé de camélia em homenagem a Dona Camélia, esposa de Zeca de Ávila. No pátio atijolado da sede corre um rego d'água pura, que move um centenário moinho de fubá e um monjolo. O quintal tem toda variedade de frutas. Mangueiras e jabuticabeiras de mais de 60 anos.

Tudo indica que o Zeca de Ávila tenha formado a Fazenda Floresta com a compra das glebas vizinhas, o que resultou, na época, numa propriedade de tamanho considerável com 420 alqueires, criação de gado mestiço Zebu para a produção de leite e queijos e plantio de café.

Originalmente aquela extensão de terras fazia parte de sesmarias de Chico de Araújo e do lendário Barão Veríssimo.

Nos idos de 1950, a Fazenda Floresta foi vendida a Jorge José Rage que possuía, junto com o irmão Elias Rage, uma máquina de arroz em Araxá e exportava esse cereal para o centro-oeste mineiro, chegando até Belo Horizonte. A venda foi de "porteira fechada", isto é, com todo o rebanho, mais de 300 cabeças de gado, carros de bois completos, uma camioneta, 90.000 covas de café, móveis da sede, utensílios etc.

Na ocasião, a venda da Floresta teve grande repercussão em Araxá. Causou muitos comentários em virtude do grande valor em dinheiro envolvido na transação e da importância da propriedade. Dizia-se então que o comprador era inexperiente nas lidas rurais, não sabendo distinguir



Vista parcial da Fazenda Floresta.



Jamil Rage caminhando pela lavoura de milho de sua fazenda.

uma novilha de um garrote... Comentava-se então que Jorge era o “turco” do Zeca. Passados dois ou três anos, o negócio da fazenda, gado e café prosperou e revelou-se ótima compra. Passaram a comentar, então, o Zeca do “turco”. Nesta época não havia tratores. Derrubavam a mata e plantavam cereais manualmente.

Com o falecimento de Jorge Rage em 1960, a propriedade, já aumentada em área, passou para os herdeiros entre eles o jornalista Jamil Rage que trabalhava no Rio de Janeiro, naquela ocasião, capital federal. O jornalista, então, comprou dois tratores importados no Ministério da Agricultura. Foram de pouca valia, devido à falta de tecnologia, sementes, adubos etc.

A partir de 1980 iniciou-se uma verdadeira revolução verde na Fazenda Floresta.

Passou-se do ciclo do “café com leite” para o da agricultura intensiva, com o plantio de soja, milho, arroz, feijão e trigo com mecanização e adoção de técnicas modernas.

Realizaram experimentos com sorgo, milheto, girassol etc. Com o emprego de maquinário apropriado, limpavam os campos e cerrados, semeando a soja, o milho e o feijão, principalmente, dando início a um ciclo de produção de cereais em alta escala. Com plantadeiras e colheitadeiras, correção do solo e

fosfato de Araxá alcançou-se um recorde de produtividade.

A Fazenda Floresta foi pioneira na adoção do plantio direto

na palha, uma técnica que dispensa a aração e nivelamento da terra todo ano, conserva a umidade e evita a erosão. Foram empregadas desde o início, práticas conservacionistas como curvas, desnível e terraços, para evitar os prejuízos do solo erodido.

Outro traço de pioneirismo revelou-se quando se trocou o rebanho de gado leiteiro (girolando) por um plantel selecionado de gado nelore, que se aclimatou otimamente nas pastagens e palhadas das lavouras, servindo de exemplo para outros criadores que adotaram o nelore como gado de corte, expandindo a criação.

A Fazenda Floresta tornou-se, assim, um exemplo eloqüente de que a terra deve ser explorada em cada metro quadrado para a produção de alimentos e geração de empregos. A missão mais sagrada do homem é a produção de alimentos para a humanidade.

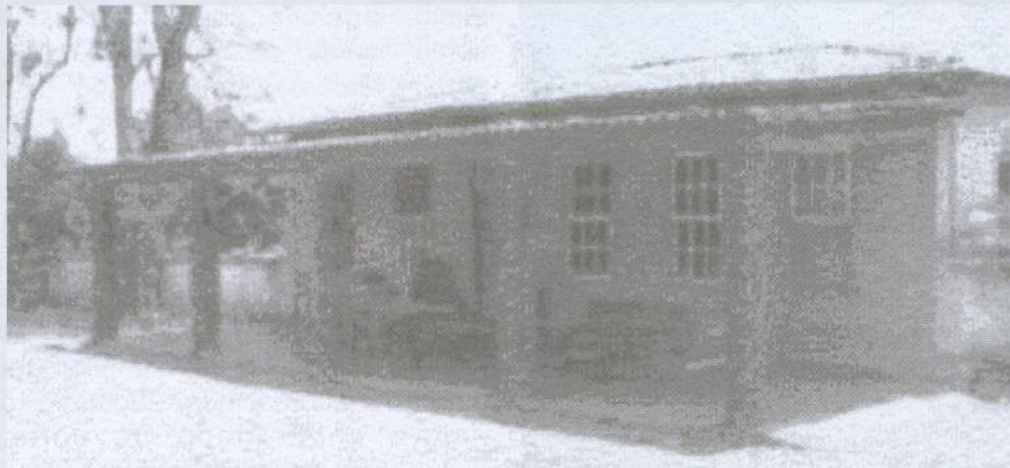


Vista aérea da Fazenda Floresta. Década de 90.



Funcionários da fazenda trabalhando na colheita. Década de 90.

FAZENDA BOA VISTA



Fachada da Fazenda Boa Vista.

Localiza-se no município de Ibiá/MG, a 32 km da cidade de Araxá, tendo acesso pela BR 262. Tem como referência uma escritura datada de 1841.

Marcelino Manoel Teixeira, conforme a tradição, deixou a fazenda Boa Vista para o filho e a nora, Antônio Afonso Teixeira (Antônio do Marcelino) e Mariana, também sucedidos pelo filho e pela nora, Antônio Afonso Teixeira (Tônico) e Ana Cândida de Ávila.

O casal teve três filhos e a sede da Boa Vista foi transferida para o primogênito, Antônio Dimas Teixeira, casado com a Azália Teixeira (Totota). Após a morte prematura de Antônio Dimas, vítima da febre amarela em 1952, a fazenda passou a pertencer ao genro, Alberto Adhemar do Valle, casado com Maria Luiza Teixeira do Valle (Liza), filha de Totota e de Antônio Dimas. São eles os atuais proprietários.

Situada às margens do rio Pirapetinga, tem seus currais circundados por muros de pedras, importantes vestígios da mão-de-obra escrava que gerou e sustentou a abundância do século XIX. A casa original, que fora construída junto a um antigo rego d'água por volta de 1915, acomodou a família de Tônico Teixeira e Ana Cândida.

Para viabilizar a travessia dos carros de bois e dos automóveis pela várzea próxima à sede, Antônio Dimas idealizou a construção de um aterro. Incontáveis foram as viagens das carroças e dos carrinhos de mão repletos de pedra e de terra. Fez, ainda, a escavação de 5 km do rego d'água que abastece toda a propriedade até hoje.

Em 1952 foi realizada a primeira modificação na sede. Também a energia gerada por usina particular

rendeu-se à praticidade oferecida pela CEMIG nos anos 70. Depois das mudanças físicas, os sabores do pomar diversificaram, porém conservando as antigas mangueiras e jabuticabeiras que adoçam a vida dos moradores.

Com a adaptação das atividades econômicas ao longo dos anos, foram inevitáveis várias construções como cocheiras, pocilgas, bretes, comedouros e cavalariças, conservando o estilo colonial. Frente à necessidade da grande produção de tijolos, valeram-se da matéria-prima junto ao córrego da Mutuca, onde foi implantada uma olaria.

A grande extensão das terras favorecia a criação do zebu (gado mais rústico) e a presença dos meeiros que produziam arroz, feijão, milho, mandioca e café e garantiam a subsistência dos numerosos habitantes da fazenda. Os avanços tecnológicos da agricultura moderna também decidiram as transformações ocorridas. A cafeicultura e rizicultura (cultura do arroz) foram implantadas. A dizimação dos suínos,

causada pela leptospirose, dificultou o prosseguimento da atividade em 1986. O zelo pelo equideocultura (criação de cavalos) contempla o costume dos ancestrais de criar belos pampas e cômodos animais mangalarga marchador.

Uma fazenda centenária reserva inestimáveis momentos da sua existência. Entre eles a satisfação de receber os familiares, amigos e políticos para estadas prolongadas ou rápidas. Visitas inesquecíveis engrandeceram a hospitalidade do lugar e também motivaram prazer aos anfitriões. O cerrado, preservado até meados do século XX, possibilitou prósperas caçadas aos veados e às perdizes. A temporada das goiabas sempre foi motivo para reunir os familiares em função da produção das compotas e caixetas recheadas de doce.

No final das colheitas, Antônio Dimas comemorava com entusiasmo a temporada através de uma festa junina aquecida com a fogueira feita com as cascas do feijão e o embalo do acordeão tocado por Ivone, casada com Alírio Teixeira, irmão de Totota.

Após cumprir suas funções e testemunhar tantos esforços na lida rural, o monjolo, hoje aposentado, ainda proporciona agradáveis encontros, regados pelo frescor da bica d'água. A fazenda sediou, por muitos anos, a reunião dos descendentes de Antônio Dimas e Totota, na festividade anual denominada "Patotota". Hoje, Alberto e "Liza" exaltam a unidade familiar e o compromisso de manter os costumes mineiros.



Antônio Dimas Teixeira.



Azália Teixeira.

FAZENDA PÃO DE AÇÚCAR

(conhecida como Fazenda da D. Joaquina)

Situa-se, hoje em dia, em perímetro semi-urbano, logo na saída da BR-262, município de Araxá. Uma parte da história dessa fazenda é o retrato da saudade de muitos que ali passaram, complementando a família Teixeira Valle.

O primeiro dono foi Joaquim Alves que, no final do século XIX, passou a propriedade para Ananias Teixeira e Nicota, bisavós dos proprietários.

Nos anos de 1930, Terêncio Pereira de Rezende e Adélia Rodrigues Valle compram uma gleba da fazenda. Joana Pereira Valle, filha do casal, recebe uma boa parte das terras e a outra é herdada por Ananias Teixeira Júnior que, em 1920, unira-se em matrimônio com *D. Joaquina*.

Dessa união nasceram Rafael, Luiz, Heleuza, Dionísio, Ismael, Alípio, César e José Lázaro. O filho Luiz sempre ajudou o pai no comando da fazenda. Ficou conhecido como o *Luiz da D. Joaquina*, sendo o verdadeiro pai dos mais jovens.

D. Joaquina era uma pessoa muito carismática. Todos que por ali passavam, a consideravam uma verdadeira mãe. Tinha prazer em fazer quitandas e doces utilizando sempre, com muita fartura, os produtos da fazenda. Seu avental vivia respingado de goiabada que ela fazia em seus enormes tachos de cobre.

Em 1964, Luiz Vale Teixeira herdou de seus pais um pedaço de terra, incluindo a antiga sede. Em outro local construiu a nova sede. Esta serviu para abrigar o casal Luiz e Zuleika Amaral, mulher de fibra que deu continuidade aos costumes de sua sogra. Tiveram 3 filhos: Luiz Vale Teixeira Júnior, Marcos Amaral Teixeira e Sérgio Amaral Teixeira. Nasceram e foram criados na fazenda da



Fachada da antiga sede da Fazenda Pão de Açúcar.

Vovó Joaquina, cercados de amigos e familiares. Luiz e Zuleika recebiam todos que ali chegavam com muito carinho e dedicação. Às reuniões da família Teixeira, os filhos dão continuidade até os dias atuais.

Em 1989 o Luiz faleceu. A fazenda continuou crescendo. O fogo da fomalha permaneceu aceso como a chama da presença permanente de toda a família que está sempre soprando as brasas para manter este fogo bem vivo.

Depois da divisão da fazenda, Luiz, filho mais velho de Luiz Vale Teixeira, mantém as belas lavouras de milho e batata, Sérgio cria o gado nelore e Marcos dá continuidade à criação do gado girolando, criação esta iniciada pelo seu pai que, no ano de 1970, trouxe de Juiz de Fora alguns exemplares de touros holandeses que, cruzados com as vacas de raça Gir, deram as primeiras F1, que são as girolandos meio-sangue. Aprimorando os conhecimentos das características da raça girolando, otimizaram-se os

resultados, investindo em tecnologia de alimentação, manejo e, por fim, em genética superior que garante a rigorosa seleção do plantel Girolando Dona Beja.

Hoje, belas construções foram criadas e adaptadas para alojar a criação de cavalos Campolina e receber, com a mesma delicadeza, os grandes criadores da raça que aqui fazem visitas a fim de renovar e apurar seus conhecimentos. O Haras é conhecido em âmbito nacional e tem como proprietário Marcos Amaral, homem dinâmico, trabalhador e um incansável estudioso dos cavalos. Hoje ele é presidente da Associação Brasileira do Girolando e Diretor do Conselho Superior da Associação Brasileira dos Cavalos Campolina.

A criação foi motivada por sonhos infantis de montar animais grandes, bonitos, robustos, dóceis e principalmente marchadores. Não tiveram dúvida, começaram a criar Campolina.



Fachada da Fazenda Pão de Açúcar.



Sarampo do Camparal. 34 meses.

CHÁCARA DONA ADÉLIA



Sede da Chácara Dona Adélia.

Um elo de história que não se perdeu no tempo. Localiza-se no perímetro semi-urbano, ao final da rua Terêncio Pereira no bairro Santo Antônio, região que antigamente era conhecida como “Sobra dos Medeiros”. O primeiro proprietário foi José Pereira Guimarães casado com Joana Rezende. Desta união nasceram quatro filhos: Antônio Pereira de Rezende (Totonho), João Pereira de Rezende (avô do Brigadeiro-do-Ar, Ronaldo), José Pereira de Rezende (Zizico) e Terêncio Pereira de Rezende.

Terêncio, o herdeiro dessas terras, casou-se com Adélia Rodrigues Valle. A união foi enriquecida com quinze filhos: Joana, Gabriela, Rita, José, Francisco, Maria, João, Terêncio, Adélia (Delica), Pedro, Catarina, Inês (Irmã Lucília), Terezinha, Paulo e Antônio Pereira Valle.

Antônio Pereira Valle se tornou o proprietário da fazenda e a batizou com o nome de “Chácara Dona Adélia”, numa demonstração de profundo afeto e admiração por sua mãe. *Toninho da D. Adélia*, como é conhecido, perdeu o pai aos 10 anos de idade e, desde então, se viu enfrentando as responsabilidades e exigências da vida. Em sua mãe encontrou a norteadora de seus passos, o exemplo de amor ao trabalho, retidão, honestidade, sinceridade, sabedoria e grande responsabilidade.

No ano de 1953 Toninho casou-se com Terezinha e juntos iniciaram uma nova geração da família. Menção especial deve ser feita à Terezinha, mulher que é exemplo de caridade e fé. É uma lutadora aguerrida, esteio da família, propulsora da harmonia e união entre os seus. Foi abençoada com seis filhos: Antônio Dimas, Paulo Terêncio, Eleonora,

Marcos Augusto, Cláudia e Emílio Carlos, todos criados na fazenda.

Durante a época em que o casal explorava a terra, os famosos doces de Terezinha, a fábrica de farinha, as lavouras que ali cultivavam e o gado leiteiro garantiam o sustento de toda a família.

A sede, datada de 1902, apresenta características peculiares do estilo colonial, paredes feitas de adobe, construção em formato de U. Possuía apenas uma fechadura com uma única chave, janelas com folhas duplas e vidraças no estilo guilhotina com “trincos e outras tramelas”. As demais portas eram fechadas com trancas de madeira que existem até hoje. São quatorze cômodos e dois porões. É circundada por muros de pedras, assim como os currais e as três casas construídas para o armazenamento da farinha e das sementes. A fornalha de doces, localizada na parte dos fundos da casa juntamente com os grandes canteiros de hortaliças, possui quatro “bocas” largas ligadas a uma única chaminé. Ali eram fabricados os doces de Terezinha que, quando comercializados, foram

altamente apreciados e exaltados. Os objetos utilizados na fabricação dos doces, como tachos de cobre e inúmeras colheres de pau estão guardados no porão da casa e ainda mantêm sua serventia quando as fornalhas voltam a arder. A fabricação de farinha é quase artesanal. O maquinário usado é inglês do século XVII e ainda continua em pleno funcionamento.

De todas as construções que compõem a sede, a mais extraordinária é a cocheira. Com aproximadamente 200 anos, foi construída por escravos a fim de servir ao funcionamento do engenho de cana movido a tração animal. Hoje é utilizada para o manejo do gado leiteiro. Sua arquitetura segue os moldes coloniais. O formato de seu teto é em cone. Em toda a sua base há vigas sustentadoras de onde partem armações entrepostas de madeira até o cume, amparando as telhas. Desta forma dispensa a necessidade de um sustentáculo central. Tal peculiaridade despertou a curiosidade de inúmeros arquitetos que vieram analisá-la, encantados, e poucos souberam explicar como, há tanto tempo, foi possível construir aquela “reliquia da arquitetura”.

Em 1967 a família se mudou para o centro da cidade onde, ainda hoje, reside o casal, Antônio Pereira Valle e Terezinha Teixeira Valle. Em dezembro do ano 2000 doaram as terras aos seus filhos, para garantirem a perpetuação da presença da família no local que tanto amam.

Essa terra transpôs o simples significado de sua denominação terra: transformou-se no elo entre gerações e não se perdeu no tempo. História de uma família notável da nossa cidade e um dos pilares da sociedade araxaense.



Cocheira construída por escravos há 200 anos.

FAZENDA MOURÃO RACHADO

Dequinha

Localiza-se na região do Mourão Rachado, município de Araxá. Registrada desde o século XIX, teve como primeiros proprietários Antônio Gonçalves Rios e Adelina Pereira Guimarães. Os 3 filhos, José Rios Guimarães, Cédia Rios e Maria Rios Paiva ficaram órfãos muito cedo. Iniciaram o trabalho árduo da fazenda, mexendo com lavouras, leite e gado para o sustento.

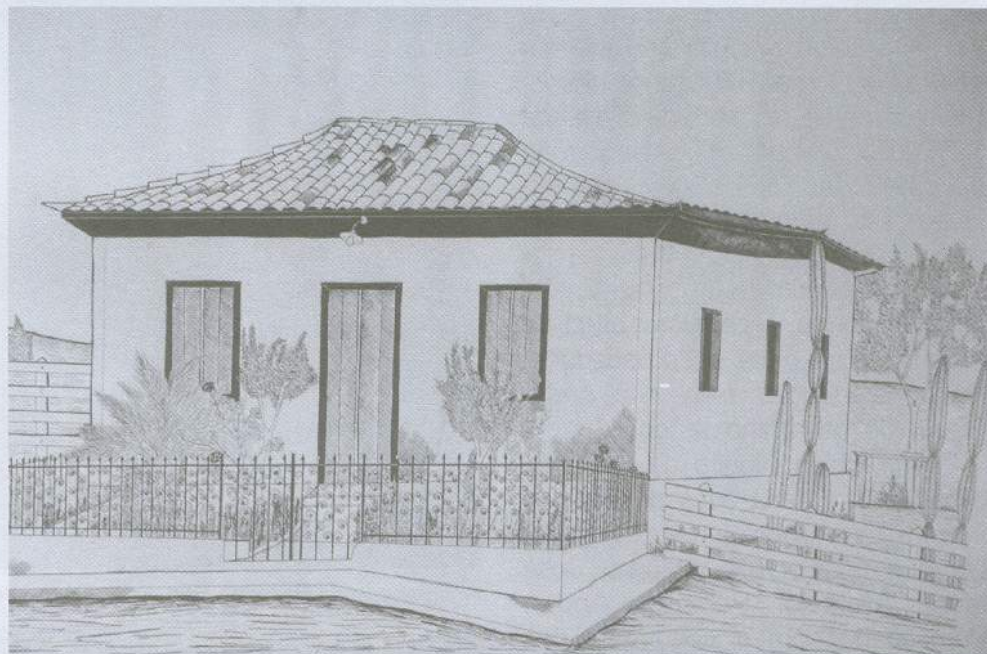
Mais tarde Cédia casa-se com Mauro Afonso Carneiro. Herdam a parte da sede que, naquela época, era de adobe com telhas em estilo canal. Posteriormente foram feitas pequenas modificações mantendo sempre a arquitetura da velha sede.

O casal teve 15 filhos: Maria Auxiliadora, Salviana, Terezinha, Fábio, Maurício Antônio, Ronaldo, Ricardo, Cordélia, Rosa Maria, Lázaro José, Adelina, Mauro César, Célia, Rogério e Antônio. Adotaram ainda uma filha: Juraci. Tinham o hábito de rezar o santo terço juntamente com amigos e empregados. Viveram 64 anos na fazenda, criando os filhos e desfrutando a vida rural.

O leite, as lavouras e o gado eram para subsistência. Em toda a cidade os amigos e parentes comentavam a beleza dos jardins e pomares da fazenda. Para agradar os visitantes, a arte e a fartura da culinária estavam sempre presentes na mesa da família.

A fé, a sabedoria e o amor que circundavam o casal e seus filhos eram divididos com os necessitados da cidade e do campo. Sempre devota de São Lázaro e de Santo Antônio, a família ajudou a construir a capela que se localiza nas terras de Agenor Teixeira de Paiva. Todos os anos um dos filhos de Cédia segue a tradição dando continuidade às festividades religiosas. A festa transforma todos os que ali possuem suas terras em comunidade de fé e de devoção.

Mauro e Cédia, já com os filhos encaminhados na vida, permaneceram morando na fazenda na companhia da filha adotiva,



Tela da da antiga fachada da Fazenda Mourão Rachado.

Juraci.

Em 1994 faleceu Mauro e, nessa ocasião, Cédia mudou-se para a cidade de Araxá junto com a filha Juraci. Nesse período a fazenda passou a ser cuidada pelos filhos, mesmo que o sustentáculo maior para dar continuidade a esse trabalho rural tenha sido Cédia com sua força e coragem.

O exemplo e o zelo da mãe são uma constante que os filhos trazem como bagagem. Em 1999 Cédia morreu e a fazenda já está sob

a responsabilidade do filho Lázaro José Carneiro (Dequinha), que conserva a sede, os jardins, os pomares e, sobretudo, a arte da família em receber os amigos. A união que existe entre os irmãos dessa grande família encoraja o estreitamento dos laços e mantém a lembrança dos pais.

Atualmente algumas modificações e construções foram implementadas na fazenda em razão da criação de gado de corte.



Atual sede da Fazenda Mourão Rachado.

FAZENDA SÃO JOÃO

O primeiro proprietário da Fazenda São João, de que se tem notícia, foi Tobias Ribeiro de Paiva. Deu nome às suas terras de Fazenda São João porque o rio São João passava dentro delas. Também levava este nome o arraial que hoje vem a ser a Argenita. Para se ter noção da proximidade desse arraial com a fazenda, o cemitério atual da Argenita fazia parte da propriedade. Foi uma doação feita por André Ribeiro de Paiva, filho de Tobias.

Tobias Ribeiro de Paiva foi casado com Maria José de Paiva e tiveram sete filhos: Irinéa, Maria de Lourdes (Zica), Ana Antônia, José Maria, Octávio, Paulo e André. Preocupado com a segurança das crianças, mudou a sede do seu lugar original porque o rio passava muito próximo à casa.

Em 1921, com a morte de Tobias, sua esposa Maria José de Paiva (Zezé) convidou o irmão Joaquim para ajudá-la a administrar a fazenda. Joaquim morreu poucos anos depois e o sobrinho Cristóvão Alves de Paiva assumiu sua função.

Da convivência com a prima Irinéa, surge um relacionamento entre os dois que culmina em uma feliz união matrimonial. Tudo transcorreu com muita alegria nos muitos dias de festa do casamento de Cristóvão e Irinéa. A cerimônia religiosa foi celebrada pelo Padre Almor e os músicos Porfírio deram o toque de requinte às bodas. Por causa do casamento Zezé resolveu fazer alguns melhoramentos na casa: aumentaram-se os cômodos e a sede se tornou mais ampla e pitoresca. A fazenda possuía benfeitorias que outras da época não tinham. Havia trapizonga (tipo de máquina com várias utilidades), usina própria e telefone. Pelo telefone se falava com duas ou três fazendas que também possuíam o tão "moderno" meio de comunicação. Para se falar em Araxá, era preciso ligar na Fazenda São Mateus e, de lá, completavam a ligação.

A sede possui 23 cômodos. Em alguns pode-se notar o toque



Antiga sede da Fazenda São João. Década de 1930. Acervo Olga Maria de Ávila Paiva.

requintado que, na época, se dava a certas residências: paredes da sala com pinturas decorativas. Sempre que é necessário Pedro Israel, arquiteto e filho de Olga, atual proprietária, faz o trabalho de restauração.

A atividade econômica da fazenda sempre foi a pecuária. Plantavam pouco. Atualmente, a parte agrícola está em maior evidência com a lavoura de soja.

Em 1945, Zezé fez a doação da sede para o filho André Ribeiro de Paiva estando, hoje, nas mãos da viúva Olga Maria de Ávila Paiva e dos filhos. Camilo José, Maria Teresa, Pedro Israel, José André e Maria Emília são os filhos de Olga e André.

Após a morte de André, Olga casa-se, pela segunda vez, com o sobrinho José Joaquim Alves de Paiva que já a auxiliava na administração da fazenda. Com ele teve os filhos: Irinéa, Humberto Alencar e Carlos Adolfo.

A família, inclusive primos e tios, tem lembranças ótimas dos dias passados na fazenda, mas ressaltam o *réveillon* de 1982, quando se reuniram para festejar a passagem do ano e denominaram "Zezezada".

Um fato que também marcou toda a família e que levou amigos e parentes a se manifestarem em solidariedade foi quando, em 1997, a fazenda São João foi invadida por "sem terras". Houve muita especulação e divulgação por ser uma das primeiras invasões. A justiça se

encarregou de dar aos proprietários o direito à terra. Nada mais justo que fazer voltar a terra para as mãos de quem a possuía e que fez daquele quinhão o seu meio de vida e também o seu aconchego. A família toda se empenhou muito neste período para ganhar o processo, mas é salientado o trabalho dos filhos Camilo, José André e do genro Everardo Helvécio (Vavé).

A Fazenda São João sempre teve uma continuidade dentro da própria família e contribuiu para a formação e direcionamento da capacitação profissional de muitos descendentes.



Olga Maria de Ávila Paiva, proprietária da Fazenda São João.

FAZENDA VELHA



Sede da Fazenda Velha. Acervo Nilda Maria de Paiva

Pedro Alves de Paiva comprou a Fazenda Velha em 1907. A história do seu nome é contada como curiosidade e passada de geração para geração. A sede pertencia a uma velha senhora que permitia aos viajantes um pernoite para o descanso de longas jornadas. Assim a fazenda se tornou muito popular e conhecida como Fazenda da Velha. Quando Pedro efetuou a compra em cartório, denominou-a “Fazenda Lira Nova”. Este novo nome ficou só no papel. O nome “Fazenda da Velha”, com o passar do tempo, foi substituído por “Fazenda Velha” e assim ficou sacramentado.

Pedro era casado com Maria Cândida de Paiva (Candola) e teve três filhos: Maria do Carmo, Mário e Valdemar. Depois de algum tempo viúvo, casa-se com a cunhada Francisca de Paiva (Chiquinha) e tem mais sete filhos: Versol, Cristóvão, Aurílio, Osana, Maria Cândida, Zélia e Joaquim.

A fazenda está situada no município de Ibiá/MG, perto do arraial de Argenita. A sede, em estilo colonial, até hoje conserva todas as características. Possui dezessete cômodos. Havia um compartimento na casa que sempre chamou a atenção: era o “quarto escuro”. Ele só possuía uma porta e nenhuma janela.

Seguindo a tradição, o filho Joaquim Bartho, por ser o filho mais novo, herdou a sede. Antes de se casar com Nilda Paiva reformou a

casa e aboliu três cômodos, inclusive o “quarto escuro”.

A fazenda possui, até hoje, peças que na época não eram comuns nas fazendas, como telefone, uma banheira para banho e uma quadrada menor, para “meio banho”. Havia também monjolo, moinho, paiol, casa de forno de pedra onde eram feitas as quitandas e um bonito muro de pedra construído por Pedro, seus filhos ainda meninos e alguns agregados. Tinham orgulho de contar o esforço para assentá-las e o longo trajeto que faziam de carro de boi para trazer as pedras de uma fazenda distante.

Joaquim Bartho, sua esposa Nilda e os filhos Pedro Odilon, Luís Artur, Geraldo, Versol, Maria Dorotéa e Nair Irinéa sempre se preocuparam em conservar o estilo da casa, os objetos e móveis antigos. O destaque

vai para uma bonita cômoda com mais de duzentos anos muito grande e pesada.

A atividade econômica da fazenda sempre foi a pastoril. Plantavam pequenas roças de arroz, milho e feijão.

Na Fazenda Velha aconteceram fatos que ficaram na lembrança de seus proprietários. As festas de aniversário de cinquenta anos tanto de Joaquim quanto de sua esposa Nilda e os quinze anos da filha Nair Irinéa foram motivos de reunir toda a família e amigos, que não são poucos. E todos estes momentos felizes fazem a história da fazenda se tornar mais charmosa e querida. Este sentimento se estende a alguns familiares que não conseguem se desvincular dos bons momentos vividos ali.

Um exemplo é Pedro de Paiva Gontijo que assimilou esse lado lúdico e feliz da sua vida e fez com que seus filhos sentissem o mesmo prazer, trazendo-os todas as férias para que tivessem na memória o registro de etapas vividas ali. Este vínculo, ainda hoje, é sentido por seus netos que também fazem questão de incluir a Fazenda Velha na lista dos lugares visitados pelo menos uma vez por ano.

Todos que a conhecem, a vêem como uma fazenda da qual emana uma energia muito boa. Transmite uma sensação de alegria e intimidade, provocando prazer e desejo de estar sempre lá.



Joaquim Bartho e Nilda Maria de Paiva. Acervo Nilda Maria de Paiva

FAZENDA CRUZEIRO

FAZENDA VELHA



Antiga sede da Fazenda Cruzeiro. Acervo Marília Aguiar Oliveira.

Uma das fazendas mais antigas de nossa região é, sem dúvida, a Fazenda Engenho. Seu proprietário tronco foi Ananias Ferreira de Aguiar. Com o seu falecimento, a grande extensão de terra que compunha a Fazenda Engenho foi dividida entre seus filhos: Antônio Ferreira, Emirena, Gonçalo, Maria Levy, Juvenília, Adolpho, Ananias e Geralda.

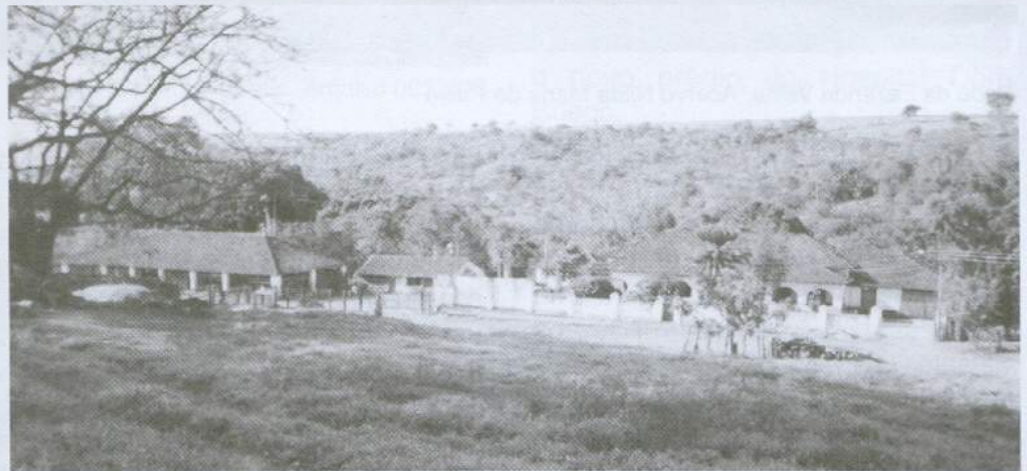
Um dos filhos de Ananias, Adolpho Ferreira de Aguiar, e sua esposa, Anna Rita, começaram a nova fase de administrar o seu legado em 1940. Reformaram a antiga sede e deram início a uma história de vida produtiva e bonita com seus três filhos: Maria Auxiliadora, Pedro Ananias e Marília.

A partir daí, se forma a nova Fazenda Cruzeiro que está situada no município de Ibiá e fica a aproximadamente 25 km de Araxá. Apesar de as terras pertencerem ao município de Ibiá, a grande maioria dos proprietários desta região residem e têm em Araxá as suas funções, social, econômica e comercial.

A atividade econômica na época de Adolpho Ferreira de Aguiar era a pecuária leiteira. Mas ele se dedicou também à criação de gado de raça e corte e foi pioneiro na cruzada de gado Holandês com Zebu. Quanto à agricultura, plantava-se para o consumo próprio. Hoje, devido ao enfoque moderno e com o uso de tecnologia que se tem empregado na agricultura, os proprietários aderiram e investem na cultura de café, soja, batata, feijão e pastagens.

A reforma feita por Adolpho e Anna Rita foi adaptada ao estilo colonial

simpáticas e muito agradáveis. Nas férias reuniam na fazenda primos, parentes e amigos. Pensando em lazer para os funcionários, Adolpho organizou um time de futebol e acionou os moradores das fazendas vizinhas para também formarem seus times e participarem dos torneios. Com isto o entrosamento aumentou, trazendo mais alegria e diversão nos domingos e feriados. As fazendas tinham, inclusive, seus times uniformizados, com torcidas, técnicos e tudo que merece um time. Anna Rita organizava todo ano uma missa em que



Atual sede da Fazenda Cruzeiro. Acervo Marília Aguiar Oliveira.

já existente. A casa é ampla com varandas espaçosas, próprias para abrigar os muitos visitantes que sempre freqüentaram a fazenda. Possui várias acomodações como: queijeira, currais, estábulo, paiol, casa de arreatas, casa de forno, casa de arrumação de suínos e aves.

A Fazenda Cruzeiro tinha características atípicas às de sua época: o cuidado com as aves exóticas, um jardim muito bem cuidado, incluindo um viveiro de pássaros, faisões, pavões, galinhas de Angola e perus.

Os proprietários eram pessoas

todos agradeciam pelas graças recebidas e os filhos dos colonos, preparados por ela, faziam a Primeira Eucaristia.

Adolpho Ferreira de Aguiar doou a fazenda, anos mais tarde, a seus filhos já casados: Maria Auxiliadora Aguiar Borges e Ernesto, Pedro Ananias Aguiar e Eliete, Marília Aguiar Oliveira e Lázaro (Nenê).

Atualmente, parte das terras e a sede da "Fazenda Cruzeiro" pertencem à Ana Cláudia em sociedade com seus irmãos Guilherme e Carlos Henrique, filhos de Marília e Lázaro.



Da esquerda para a direita, Guilherme, Ana Cláudia e Carlos Henrique. Acervo Marília

ALAMBIQUE DO OROZIMBO PEREIRA GUIMARÃES



Casa-sede do engenho. 2004.

A região que corresponde, hoje, à estufa da Prefeitura, ao Jardim Natália, ao bairro Pão de Açúcar, ao Estande do Tiro de Guerra (04-001/MG), ao Alambique do Orozimbo (Pesque-Pague) e a outras pequenas propriedades rurais ao redor já pertenceu a Ananias Teixeira, foi adquirida em 1861 e abrangia cerca de 400 alqueires.

As máquinas do engenho do “Alambique do Orozimbo” foram trazidas do Rio de Janeiro no final do século XIX por Ananias Teixeira e instaladas em parte de sua fazenda.

Terêncio Pereira de Rezende (filho de José Pereira Guimarães e de Joana de Rezende e casado com Adélia Rodrigues Valle) comprou, em 1936, parte da propriedade de Ananias Teixeira.

Ananias Júnior, após receber como herança parte das terras do pai, associou-se a Terêncio (seu sogro, pai de sua esposa Joana Pereira Valle). Adquiriram todo o maquinário do engenho de Ananias Teixeira e o transferiram para a propriedade de Terêncio. Construíram benfeitorias na fazenda, como a casa-sede e a casa do engenho.

Em 1938, Terêncio divide sua propriedade entre as filhas e o local onde se encontrava o engenho fica para Rita Pereira Valle Goulart e o marido, Cirino Goulart (o *Filico*).

Solon dos Santos, em 1942, comprou a propriedade de Rita e Filico e construiu a cocheira e a casa dos empregados. Criava gado zebu e, nesta época, o engenho ficou desativado. Vendeu as terras no período em que, no mercado, o valor do gado caiu. **Orozimbo Pereira Guimarães**, primo de Terêncio Pereira, comprou-as em 1952.

Nesta época as fazendas

produziam quase todos os artigos necessários ao sustento da família e dos animais. Várias espécies de cana-de-açúcar como a branca, a roxa, a caiana e a argentina eram cultivadas para produzir a cachaça, a rapadura e o açúcar mascavo. Criavam porcos e gado leiteiro, plantavam o milho, o arroz, o feijão, o algodão, o café e diversas árvores frutíferas de onde se extraíam frutos para a produção de doces. Esses produtos, juntamente com o queijo mineiro e os doces, eram levados em carros de bois até a cidade para serem comercializados em armazéns como o de Calimério Guimarães, de Zico Pinto (Ezequiel Pinto da Silva), de Olímpio Pereira e, alguns anos depois, de João Senna e do Santos & Irmão.

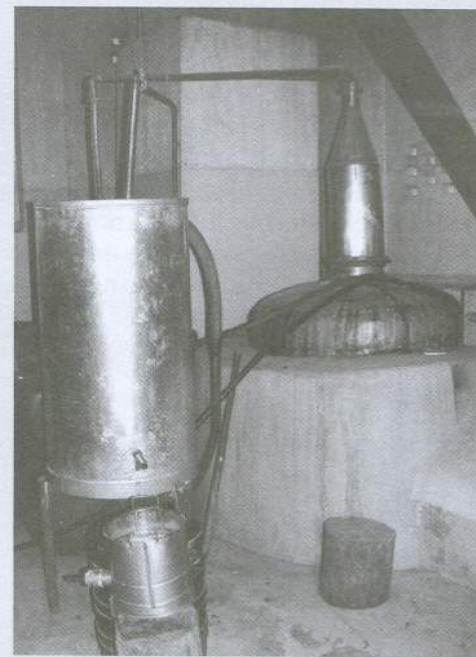
Orozimbo era filho de Veríssimo Pereira Guimarães e de Teodora Porfírio da Rocha e Silva, sendo o segundo de uma família de doze. Proveniente de família humilde, conviveu com os pais até os 15 anos. Com os irmãos Tonico e Zeca, aos 16 anos, decidiu plantar em terras de outros fazendeiros. Após desmatarem e queimarem, preparavam para o plantio de milho e de outros grãos. Também criavam porcos e levavam para a cidade a fim de serem comercializados. O produto da colheita era dividido entre os irmãos-sócios e o proprietário das terras.

Após economizar, comprou pequenas glebas no município de Perdizes. Assim foi ampliando sua propriedade de pouco em pouco com o próprio esforço. Chegou a ter uma extensão de mais de vinte quilômetros no município de Perdizes, envolvendo várias fazendas, tais como a “Fazenda do Dunga”, a “Pedreira”, “Carretão”, “Ibitimir” etc.

Casou-se aos 33 anos com Joaquina Ferreira do Carmo. Juntos, tiveram sete filhos: José, Mário, Oswaldo, Lázara, Orlando, Maria e Joaquim, todos nascidos enquanto residiam em fazendas da região da Antinha (Perdizes/MG).

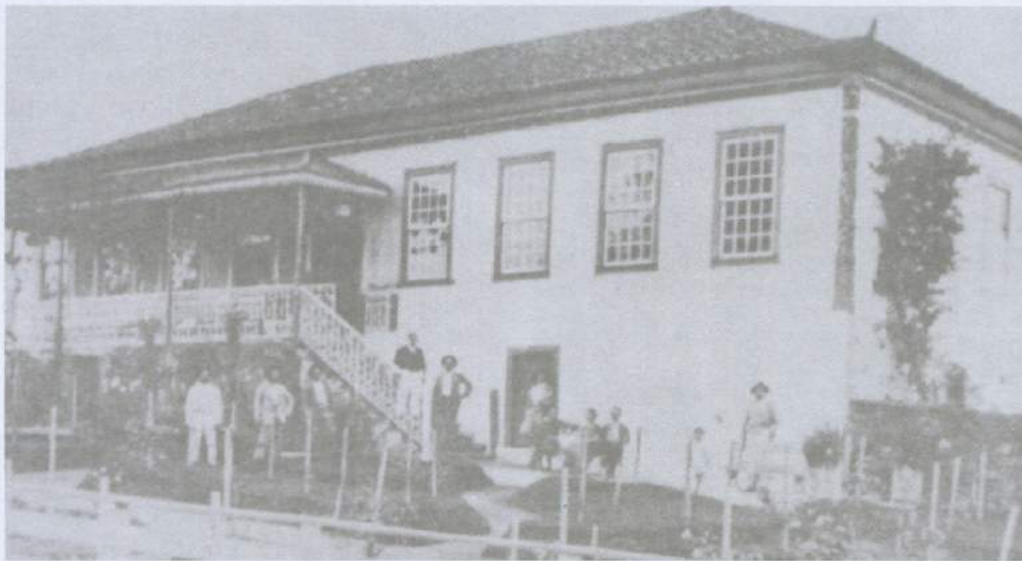
Permaneceu com as propriedades de Perdizes e de Araxá, mas precisou vender as primeiras para quitar dívidas contraídas pelos filhos. Administrando as terras do município de Araxá, a partir de 1952, **Orozimbo** contava com a ajuda da esposa para o fabrico de queijos, doces e peças confeccionadas no tear da fazenda para serem vendidos na cidade. Tinha o costume de comer alimentos feitos em banha de porco e não se habituou a usar botinas ou qualquer outro calçado. O fato de não ter tempo de ficar em casa, não o impediu de dar atenção, educação e carinho para os filhos.

Roberto Pereira Guimarães, neto de **Orozimbo**, perdeu o pai (Joaquim) ainda jovem e foi criado pelo tio (Oswaldo). Em 1980 recebeu herança, mas preferiu vender e comprar as terras onde estava o engenho e que pertenceram ao primo. Reformou a casa do engenho, construiu um quiosque e tanques para a criação de peixes em agosto de 1999, oferecendo o serviço de Pesque-Pague. No momento está restaurando a casa-sede, em estilo colonial. Os filhos de **Orozimbo**, Orlando e Lázara, ainda têm terras em divisa com o sobrinho Roberto.



Vista parcial do interior da Casa do Engenho. 2004.

FAZENDA SÃO MATHEUS



Sede da Fazenda São Matheus. 1922. Arquivo SAPP/FCCB.

A Fazenda São Matheus surge da concessão e demarcação da Sesmaria do Ribeirão de São Matheus em 1799. José Róis da Silva, o primeiro sesmeiro, em 1802, vende os direitos de posse a Antônio Machado Pereira que, por sua vez, os transfere a José Ferreira Cardoso em 1830.

José Ferreira Cardoso deixa a “São Matheus” como herança para o genro Bartholomeu Ferreira da Silva, casado com a prima Maria Rita de Cássia. Com a morte de Bartholomeu em 1871, a propriedade passa para o filho Mizaél Ferreira da Silva. Em 1887, seu genro Adolpho Ferreira de Aguiar (casado com a prima Maria Rita da Silva) herda a fazenda.

Seu filho José Adolpho de Aguiar (casado com a prima Silvéria Ferreira de Aguiar) torna-se herdeiro em 1911 e, a seguir, seu filho Alonso José de Aguiar (casado com Suzana Pezzutti), pai de Alonso Adolpho Pezzuti Aguiar, atual proprietário.

Está localizada no município de Ibiá/MG, antigo distrito de Araxá. A sede foi edificada nos meados do século XIX. É uma ampla construção em estilo colonial, com grandes janelas e venezianas. Possui um porão alto na



Sede da Fazenda São Matheus. 1986. Arquivo SAPP/FCCB.

sua parte lateral e posterior que pode ter sido utilizado como senzala. A casa é circundada por grandes jardins que mantêm as suas características originais. Camélias centenárias e frondoso pomar ainda são preservados. A edificação sofreu sucessivas ampliações e reformas que descaracterizaram o seu exterior.

No interior, as paredes do hall de entrada e as da sala de visitas são pintadas em estilo *art-nouveau*, certamente feitas durante uma das muitas reformas. Peças de seu mobiliário original são preservados.

No início, as atividades econômicas exercidas na fazenda eram a pecuária e a agricultura. Possuía canaviais, engenho de cana para produção de açúcar e numerosos escravos. Após a abolição, imigrantes italianos foram introduzidos para ajudar nas lavouras.

No início do século XX, criavam-se cavalos que eram vendidos ao exército brasileiro. Por volta de 1930/1940, a fazenda especializou-se na seleção de gado Gir.

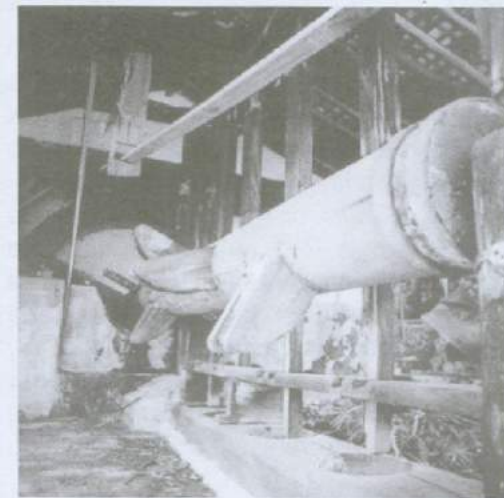
Procurando manter as mesmas atividades econômicas da época em que surgiu, atualmente, uma grande área é reservada à agricultura. Ali se cultivam soja, milho e feijão. A pecuária é especializada na seleção dos gados Nelore e Gir Holandês.

A Fazenda São Matheus é famosa pela sua hospitalidade e pelas festas inesquecíveis. Ao longo desses anos, hospedou personalidades ilustres como o presidente Getúlio Vargas, ministros, governadores e embaixadores.



O casal Maria Luísa e Alonso Adolfo. Acervo Alonso Adolfo Pezzuti Aguiar.

Hoje, o atual proprietário, Alonso Adolfo, ciente da importância da propriedade na história da família e da região, preserva este patrimônio histórico.



Trapizonga. 1986. Arquivo SAPP/FCCB.



Interior da Fazenda São Matheus. 1986. Arquivo SAPP/FCCB.

FAZENDA CAMPO ABERTO

A Fazenda Campo Aberto está localizada a 12 quilômetros de Araxá, na estrada que vai para o arraial da Antinha (município de Perdizes/MG).

A construção da primeira sede se deu por volta do século XIX. Muros de pedras construídos pelos escravos circundam grande parte das divisas. Seu primeiro proprietário foi João Affonso de Almeida, casado com Maria Jacintha de Castro. Tiveram 4 filhas: Laura, casada com José Pereira de Rezende; Alcina, casada com Olyntho Teixeira da Silva; Anna, casada com Pedro Olyntho da Silva e Altina, casada com Amando Affonso da Silva.

Além das filhas, o casal criou o sobrinho Claudionor Affonso de Rezende, casado com Laudelina Rodrigues de Rezende.

Em julho de 1914 esta fazenda foi doada às quatro filhas e, em outubro do mesmo ano, Amando e Altina compram a parte pertencente a Anna e Pedro Olyntho. Em outubro de 1916, Amando Affonso da Silva (Altina) e Olyntho Teixeira da Silva (Alcina) adquirem de José Pereira de Rezende (Zizico)



Antiga sede da Fazenda Campo Aberto. 1930. Acervo Iara Maria Affonso de Melo.

e Laura a parte que lhes coubera por herança.

Em 1929, Amando divide com Olyntho a parte que juntos compraram de Zizico e Laura.

Do casamento de Amando e Altina nasceu, em 1932, Iara Maria Afonso. Seus pais já estavam

casados há 18 anos.

Em 1936 Amando constrói a nova residência que tem 15 cômodos pintados a mão, sendo duas salas a óleo. A fazenda possuía usina hidroelétrica própria e moinho de pedra, montados por Achilles Noll e Ernesto Stéfani. Isto foi possível porque existia muita água que corria em queda natural. Hoje, o fornecimento de energia elétrica é feito pela CEMIG.

Iara Maria casou-se, em 1952, com Francisco Primo de Melo. Com a morte de Amando e Altina o casal herda a fazenda.

A maior atividade econômica é a pecuária, porém já foi pioneira em plantio de “arroz em área de campo”, iniciativa de Francisco (Neném Primo), tendo recebido troféu por produtividade.

“Neném Primo” faleceu em 1972 e, então, a fazenda foi dividida entre os herdeiros Iara Maria, José Primo (Juca), Francisco Amando, Cássio, Paulo Humberto e Altina Maria em partes iguais.

Atualmente a família procura preservar a sede e mantém suas atividades, priorizando sempre a importância e o valor emocional que a “Campo Aberto” representa em suas vidas.



Atual sede da Fazenda Campo Aberto. 2000. Acervo Iara Maria Affonso de Melo.

Fazenda Barreirinho



Atual sede da Fazenda Barreirinho. 2002. Acervo Fernando Braga de Araújo.

A fazenda recebe este nome por estar localizada na Sesmaria do Barreiro. Medida e demarcada em 1785, desde o início esteve sujeita a litígios e pendências judiciais.

Após a morte de um dos sócios, Joaquim Ferreira, sem testamento nem herdeiros, o irmão dele, José Ferreira, tentou apossar-se de sua parte na sesmaria. Os outros sócios então requereram a realização de um inventário "...tendo em vista a qualidade da paragem e circunstâncias do bebedouro salitrado...".

A parte do sócio falecido foi levada à arrematação pública em 27 de abril de 1790.

Depois disso, estas terras passaram por várias divisões até que, no início do século XX, elas foram alvo de novas negociações, visando ao aparelhamento da Estância Hidromineral do Barreiro. Ficou definido que as fontes e os terrenos próximos seriam doados ao Estado de Minas Gerais e, em contrapartida, seria criada a Prefeitura Municipal de Araxá. Isto se deu porque a municipalidade não conseguiria administrar um projeto de tamanha envergadura.

Em 1928, Dr. João Jacques Montandon vendeu uma parte de terras para o farmacêutico Dr. Álvaro Cardoso de Menezes. Entre 1945 e

1946 Dr. Álvaro adquiriu mais terras. Em 1953 vende uma parte delas para Darwin da Silva Cordeiro e sua mulher Adelita Torres Cordeiro, residentes em Belo Horizonte, de quem se torna sócio.

Diomedes Gentil dos Santos compra, em 1962, a fazenda dos sócios Dr. Álvaro e Darwin e, em 1967, a mesma é adquirida por José Zeki Barbouth e sua esposa Matilde Sinai Barbouth, moradores no Rio de Janeiro.

Em 1969 o casal José e Matilde negocia a propriedade com a imobiliária Barreirinho, que faz o loteamento de parte do imóvel, dando início, assim, ao bairro das Mansões, atual Barreirinho.

Álvaro Cardoso de Menezes e Celuta de Araújo Cardoso adquirem, em 1972, o restante das terras e as benfeitorias que, em 1974, passam a pertencer a Geraldo Pereira Marques. O atual proprietário é Cláudio Marques Braga de Araújo, seu neto.

A residência, em estilo eclético, possui alguns elementos neoclássicos.

Durante uma das vindas de Getúlio Vargas a Araxá, para inspecionar as obras do Complexo do Barreiro, ele visitou a Fazenda Barreirinho que pertencia ao então prefeito Álvaro Cardoso de Menezes.

A atividade econômica, nesta época, era a criação de gado da raça Gir. Atualmente esta atividade é preservada, pois, segundo Geraldo Pereira Marques, "o Barreirinho é uma vitrine ao vivo".

Fontes:

* Arquivos do Cartório de Registro de Imóveis

* Arquivos do Judiciário

* Arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto

* Depoimentos: Alberto Adhemar do Valle, Antônio Pereira Valle, Bernadete de Lourdes Rezende Teixeira, Bernadete de Paiva, Cláudia de Paiva Teixeira, Cordélia Rios Carneiro, Eleonora Pereira Valle, Emílio Carlos Pereira Valle, Fernando Braga de Araújo, Gabriela Rezende de Menezes, Iara Maria Affonso de Mello, Jamil Rage, Lázaro José Carneiro, Marcela Rodrigues de Ávila Valle, Marcos Amaral Teixeira, Maria Emília de Paiva, Maria José de Paiva Teixeira, Maria Luísa Teixeira do Valle, Maria Luíza de Castro Afonso, Marília Aguiar Oliveira, Maurício Rios Carneiro, Nair Irinéa Alves de Paiva, Nilda Maria de Paiva, Olga Maria Ávila de Paiva, Orlando Pereira Guimarães, Pedro Odilon de Paiva, Pedro Paiva, Roberto Pereira Guimarães, Rogério Pereira Guimarães, Ronaldo Rios Carneiro, Sara Valle Abrahão, Suzana Pezzuti de Aguiar, Zita de Paiva, Zuleika Amaral Teixeira.

* TROPEIROS, AQUÁTICOS E MINEIROS. *O Trem da História*. Araxá, n. 19, pp.6-11, jan./mar./1996.

* AS SESMARIAS. *O Trem da História*. Araxá, n. 21, pp.6-7, jul./dez./1996.

Referências Bibliográficas:

ALENCAR, Francisco; Carpi, Lúcia; Ribeiro, Marcus Venício. *História da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. ao Livro Técnico, 18. ed., 1996.

COSTA, Waldir Luiz. *Araxá, da maloca ao palácio*. Goiânia: O Popular, 1987.

LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. *Das águas passadas à terra do sol: ensaio sobre a história de Araxá*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999.

MUSEU DO ZEBU "Edilson Lamartine Mendes". *Fazendas de Criação do Triângulo Mineiro*. Uberaba: FIUBE, 1987.

SAINT-HILAIRE, August. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

Equipe de Redação:

* Pesquisas e Textos: Magaly Cunha Porfírio, Silvana Ap. Alves Borges Batista, Maria Virgínia Rios do Amaral Valle, Maria Trindade Coutinho Resende Goulart, Cecília Angélica Machado de Paiva, Keyla Barbosa Machado.

* Fotos: João de Lima.

Historiando Hoje – 2001/2004

Homenagens:

- “Comemoração do Dia das Mães” – maio de 2001/2002/2003/2004.
- “Comemoração do Dia dos Pais” – agosto de 2001/2002/2003.
- Festa da “Cultura Afro-Brasileira” – maio de 2001/2002.
- “Centenário de Nascimento de Dom José Gaspar” – Missa – 2001.
- “Centenário de Nascimento do Pe. Alar” – Missa – 2002.
- “Comemoração do Dia da Criança” – 2002/2003/2004.
- “Grande Encontro Regional de Congado” – 2002/2003.
- “Testemunhas do Tempo I e II” – 2002/2003.
- “Valor & Cidadania” – 2003/2004.
- “Exemplo & Raça” – Raça Negra – 2003.
- “Centenário de Nascimento de Cidadãos Araxaenses” – Missa – 2003/2004.
- “Ritmo, Harmonia & Arte” – Centenário de Nascimento de Ary Barroso – 2003.
- “Culto Ecumênico” – 50 anos de vida conjugal de cidadãos araxaenses – 2004.
- “Missa Conga” – Crianças-destaque da Raça Negra – 2004.

Eventos:

- 03/02/2001 – Reabertura do “Cine-teatro Brasil”.
- 24/03/2001 – “Tributo à

Saudade”.

- 26/04/2001 – “Noite de Arte” – homenagem a Clélia Pontes.
- 05/06/2001 – Posse dos Conselheiros do CODEMPAC.
- 09/06/2001 – Inauguração do Espaço “Lugar de Memória” no Museu Histórico de Araxá–Dona Beja – 1ª etapa.
- 26/06/2001 – “1ª Mostra Semestral de Música” – Escola Municipal de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo.
- 13/07/2001 – Palestra “Imprensa e Política no Brasil” – Sebastião Néri.
- 05/10/2001 – Inauguração do “Centro de Cultura” – criação do Museu da Imagem e do Som e da Biblioteca de Artes.
- 22/11/2001 – Sessão de “Inauguração do Cine-teatro Brasil” (Cinema).
- 29/11/2001 – “2ª Mostra Semestral de Música” – Escola Municipal de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo.
- 03/12/2001 – Abertura das “Festividades de Natal” – Coral Municipal de Araxá 600 vozes.
- 27/03/2002 – Lançamento do CD “Teclas da Vida” – pianista Lygia Cardoso Maneira.
- 28/03/2002 – Lançamento da Boneca “Dona Beja”.
- 27/04/2002 – “Encontro de Pianistas” – Comemoração dos 10 anos de criação da Escola Municipal de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo.
- 24/06/2002 – “1ª Mostra Semestral de Música” – Escola Municipal de

Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo.

- 05/07/2002 – “Reabertura do Museu Histórico de Araxá–Dona Beja” – após obras de restauração.
- 14/08/2002 – Comemoração dos “Dez Anos de Criação da Escola Municipal de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo”.
- 28/10/2002 – “Inauguração do Novo Espaço da Fundação Cultural Calmon Barreto”.
- 28/11/2002 – “Festividades de Natal” – Coral Municipal de Araxá 500 vozes.
- 22/12/2002 – “Missa Festiva em comemoração ao término das obras de restauração das pinturas artísticas da Igreja Matriz de São Domingos” – Projeto Cores da Fé.
- 12/03/2003 – “Uma Noite de Arte” – Tenores.
- 12/03/2003 – Mostra de Artesanato “Um Novo Tempo”.
- 21/03/2003 – Apresentação da “Banda Lekato” no bairro Pão de Açúcar.
- 28/03/2003 – “Som, Ritmo e Harmonia” – Banda Lekato na Fundação Cultural Calmon Barreto.
- 09/06/2003 – “Um Encontro com a Arte” – Tenor, Barítono e Pianista.
- 10/11/2003 – Apresentação do Grupo “García Y Lorca”.
- 30/05/2004 – Inauguração do “Centro de Referência da Cultura Negra”.
- 14/06/2004 – Comemoração dos “20

anos de Criação da Fundação Cultural Calmon Barreto”.

Parcerias:

- 16/05/2001 – Lançamento do “Projeto Diversão Cultural” – Secretaria Municipal de Educação.
- 25 a 27/05/2001 – Circuito Telemig Celular de Cultura.
- 22 a 24/06/2001 – “I Dançará” – Escola de Dança Elaine Academia.
- 08/03/2002 – “Homenagem à Mulher” – Medalha Leonilda Montandon – CBMM, Câmara Municipal e FAMA.
- 18/05/2002 – “Arthur Moreira Lima” – Circuito CBMM de Cultura.
- 28/10/2002 – “Coral Fundação Clóvis Salgado” – Circuito CBMM de Cultura.
- 2002/2003 – “Natal entre Amigos” – Clube Soroptimista.
- 30/05/2003 – “Mostra Cultural, Araxá Conta sua História” – CAPAL, ARAP, Banco do Brasil, CREDIARA e Associação de Turismo Rural.
- 2003/2004 – Projeto “Mercantil do Brasil Cultural”.
- 28/02/2004 – Projeto Memória “Oswaldo Cruz” – Fundação Banco do Brasil e Organização Odebrecht.
- 22/03/2004 – “Maiores Momentos” e “Arte Lírica” – Ronaldo Ribeiro de Paiva.
- 27/04/2004 – “Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec” – José Tadeu Silva.
- 21/06/2004 – “Lançamento de Serviços

de TV por assinatura e Internet de Banda Larga via Cabo” – Brasil Telecomunicações S/A.

- 03/07/2004 – “Orquestra Sinfônica de Minas Gerais” – Circuito CBMM de Cultura.

Exposições:

- 29/05 a 01/06/2001 – Participação do Artesanato da Fundação no “VIII Salão de Oportunidades do SEBRAE” – Belo Horizonte.
- 29/07/2001 – “Mostra Retrospectiva” Centenário de Dom José Gaspar.
- 05/10/2001 – “Criança em Foco” (fotografias).
- 05/10/2001 – “Crianças, Ontem e Hoje” (telas).
- 05/10/2001 – Mostra de Artesanato “Tramas e Cores”.
- 05/10/2001 – Fotografias “Araxá Antiga”.
- 05/11/2001 – “Obras de Artistas Plásticos Consagrados” – Salão de Artes Plásticas.
- 21/03/2002 – “Arte & Devoção” e “Música & Tradição”.
- 28/05/2002 – Participação do Artesanato da Fundação nos “Trabalhos das Oficinas de Resgate do Artesanato Mineiro” – SEBRAE/MG.
- 29/05/2002 – “Homenagem às Termas de Araxá” – artista plástico Fernando Barreto e “Formas” – ceramista e pintora Sylvia Serra Barreto.
- 1º e 02/06/2002 – Participação do Artesanato da Fundação na “2ª Mostra de Produtos de Araxá”.
- 29/08 a 01/09/2002 –

Participação do Artesanato da Fundação no “Salão Chevals 2002” Nova-Lima/MG.

- Junho/2003 – Participação do Artesanato da Fundação na “3ª Mostra de Produtos de Araxá”.
- 17/10/2003 – “Mostra Retrospectiva da artista plástica Cordélia Barreto” – 80 anos.
- 05/04/2004 – Mostra de artesanato “Tramas & Cores” – Fundação Cultural Calmon Barreto.

Publicações:

- Revista “O Trem de História” nºs 32, 33, 34, 35, 36, 37 e 38.
- Livro “Lugar de Memória” nº 1 e 2.
- Lançamento do Boletim “Trilha Poética” nºs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10.
- Crônica “Criança”.
- Revista “Testemunhas do Tempo II”.
- Lançamento de “Folders” sobre o Artesanato, a Fundação Cultural Calmon Barreto, Dona Beja, Calmon Barreto e Árvore dos Enforcados.
- Revista “Exemplo e Raça”.

No período referido, muitas outras ações foram implementadas pela Fundação Cultural Calmon Barreto: apoio para realização de eventos e para lançamento de livros, parcerias com empresas e pessoas físicas para a realização de projetos culturais, oferecimento de cursos, promoção de concursos e recebimento de premiações por mérito cultural reconhecido.



Laticínios Leticia*

(34) 3662-5500
Araxá/MG

Haras Camparal



SARIMPO
DO CAMPARAL



Proprietário:
Marcos Amaral Teixeira

Telefone da fazenda: (34) 3661-4594
Celular: (11) 9658-7237

Araxá/MG

ENCIL

ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES LTDA

**ENCIL Engenharia
Conservando a História de Araxá**



Rua Alexandre Dumont 497 Araxá / MG

Telefax (34) 3661-1550